



ESCOLA SUPERIOR  
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA**

**Jornalismo no terreno: fator diferenciador na  
qualidade do jornalismo do Primeiro Jornal da SIC?**

**Carolina Cerqueira Silva Reis**

**Relatório de estágio submetido como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Mestre em Jornalismo**

**Trabalho orientado pela Prof<sup>a</sup> Doutora Anabela de Sousa Lopes**

**Outubro, 2021**

*Vivemos numa era com uma plenitude de informação, mas escassez de entendimento.*

Joe Nye, Harvard College

## DECLARAÇÃO ANTI PLÁGIO

Declaro ser a autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original e inédito que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das suas partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Porto, outubro de 2021

Carolina Cerqueira Silva Reis

Carolina Cerqueira Silva Reis

## AGRADECIMENTOS

Apesar de este ser um trabalho de autoria individual, ele não é feito sozinho. E se inevitavelmente a maioria do esforço recai sobre o autor do mesmo, não menos importantes são os contributos das várias partes envolvidas na sua concretização, que permitem que um trabalho desta natureza se realize e conclua com sucesso.

Por isso mesmo, não podia deixar de agradecer a algumas partes fundamentais que estiveram envolvidas ao longo deste processo.

Primeiro de tudo, agradeço à Escola Superior de Comunicação Social, que me permitiu cumprir um desejo antigo, o de estudar jornalismo. A todos os professores, funcionários e à instituição o meu mais sincero obrigada. Foi uma vida académica repleta composta por uma experiência intensa. Marcou também para mim o regresso ao estudo, após já ter sido Mestre em Gestão, por outra instituição. Os conteúdos lecionados foram do meu total interesse, sendo para mim uma fonte de entusiasmo diário o contacto com uma realidade tão significativa para mim. Foi uma experiência igualmente positiva no que diz respeito às pessoas que conheci ao longo do percurso académico. É por tudo isto, uma instituição que levo para a vida. Ainda no âmbito da ESCS, um especial obrigado ao Gabinete de Inserção profissional, GABEST, e em especial à Dra. Paula Pereira, que sempre se mostrou disponível e atenciosa para falarmos e esclarecer as dúvidas ao longo deste continuado processo dos estágios e da inserção na vida profissional. Ainda neste âmbito quero deixar um especial agradecimento à Professora Maria José Mata, coordenadora do mestrado em jornalismo, que com o seu profissionalismo sempre se mostrou disponível ao longo de todo o percurso académica para me orientar, esclarecer e responder às mais variadas dúvidas, questões e solicitações.

Seguidamente agradeço à SIC, por me ter permitido fazer o estágio, apesar dos constrangimentos pandémicos que ainda estavam presentes. Neste campo, o meu muito obrigada ao André Antunes, coordenador do Primeiro Jornal, que foi a pessoa mais presente ao longo do meu estágio, tentando sempre no pouco tempo que tinha disponível esclarecer-me as dúvidas que iam surgindo e acompanhar-me da melhor forma que conseguia; a boa vontade fez-se notar e fica registada, André. A ele quero também deixar um agradecimento por já após a conclusão do estágio me ter concedido a entrevista que deste trabalho faz parte. No pouco tempo disponível que o acompanhou, mostrou-se disponível com relativa rapidez para falar um pouco comigo sobre este trabalho, sabendo da importância tal conversa teria para o trabalho em questão. De forma geral, quero também deixar um agradecimento a todos os profissionais da

SIC com quem contactei e que se mostraram disponíveis e com boa vontade de me mostrarem a sua 'casa'.

Como não poderia deixar de ser, o meu muito obrigado àquela que foi a minha orientadora em todo este trabalho, a Professora Anabela de Sousa Lopes, que sempre com proatividade, assertividade, conhecimento e rapidez acorreu aos meus e-mails e evoluções do trabalho, contribuindo para um ritmo ágil na execução do mesmo, fator absolutamente determinante, dado o apertado tempo para a execução e conclusão deste projeto final. A sua disponibilidade para contactos diretos e personalizados facilitou muito os avanços que iam sendo feitos no trabalho e em especial a delineação da questão de partida, que é um dos passos mais difíceis num trabalho desta natureza.

O meu obrigado a amigos e familiares, que foram, de uma forma ou de outra, acompanhando o trabalho em execução e dando força na sua continuidade, com vista à conclusão do objetivo aqui em questão.

Não podia terminar os agradecimentos sem salientar o orgulho que é para mim ver mais uma etapa da minha vida académica concluída com sucesso. Após muito sacrifício, esforço e dedicação é com orgulho que concretizo mais esta etapa na minha vida pessoal e académica.

## RESUMO

O relatório de estágio que aqui se apresenta tem como principal objetivo aferir se o jornalismo no terreno é ou não um fator diferenciador na qualidade do jornalismo praticado no Primeiro Jornal da SIC. Este foi um exercício investigativo que resultou do estágio curricular realizado na estação televisiva. Haverá também, por isso, espaço para descrever e analisar criticamente as atividades desenvolvidas enquanto jornalista estagiária da estação. O estágio decorreu na redação de informação da Sociedade Independente de Comunicação (SIC), em Paço de Arcos, entre 12 de abril e 9 de julho de 2021. Foi desenvolvido na secção do Primeiro Jornal e pontualmente no programa Opinião Pública e nos fins-de-semana.

Este tema revela-se pertinente de ser estudado uma vez que nas últimas décadas, fruto de uma digitalização dos meios de trabalho jornalístico, se observaram mudanças significativas ao nível dos métodos de trabalho numa redação, nomeadamente na forma como se obtêm as informações e o conteúdo para a construção de uma peça, se de uma forma mais presencial ou mais distante e tecnológica. Para além disso, a ida para o terreno é um método muito presente na forma como se faz jornalismo. Por ser um fator estrutural e intemporal, pretende-se caracterizar a evolução que tem tido ao longo das últimas décadas e analisar tendências futuras sobre o mesmo.

Observei pela minha experiência de estágio que a ida para o terreno é útil e benéfica, quer do ponto de vista do contributo audiovisual, quer no que respeita ao contributo no conteúdo textual. Esta conclusão vai ao encontro da opinião do coordenador do Primeiro Jornal e é parcialmente concordante com os estudos académicos que têm sido feitos nesta temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** SIC; jornalismo no terreno; qualidade do jornalismo; valor jornalístico; repórter; televisão

## **ABSTRACT**

This internship report has the purpose to assess whether journalism in the field is or not a differentiating factor in the quality of the journalism produced at SIC First Journal<sup>1</sup>. This was an investigative exercise that resulted from the curricular internship carried out at that channel station. Therefore, there is also space to describe and critically analyse the activities developed as a trainee journalist during the internship. This internship took place in the newsroom of the Independent Society of Communication (SIC), in Paço de Arcos, between 12 April and 9 July 2021. It was developed in the First Journal section and occasionally in the Public Opinion program and on weekends, as well.

This theme is relevant to be studied because in recent decades, as a result of the digitalization of the journalistic work, some changes had occurred. For example, the working methods in a newsroom had changed and the way how information and content are obtained is different nowadays. Sometimes, journalists work more intensively on a presential base, others they work more on a distant and technological base, when it refers to gathering the relevant information to produce the news. Besides that, working on the field is still a very actual method in the way journalism is done. Having this in mind, and considering its structural and timeless role, this work focuses as well on characterizing its evolution over the last decades and analyse trends in the future regarding the on-the-job reporting.

Observation from my internship shows that going to the field is useful and beneficial, from the point of view of the audiovisual contribution and from the point of view regarding the textual information collected in the field. This conclusion is in line with the opinion of the First Journal coordinator and is partially in agreement with the academic studies that have been carried out on this subject.

**KEY WORDS:** SIC; on-the-ground reporting; quality in journalism; journalistic value; news reporter; television

---

<sup>1</sup> One of the main daily information programmes on the channel. SIC is one the main Portuguese channels.

## ÍNDICE

<b>DECLARAÇÃO ANTI PLÁGIO .....</b>	<b>III</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>IV</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>VI</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>VII</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I: JORNALISMO NO TERRENO.....</b>	<b>3</b>
1.1. Uma breve caracterização.....	4
1.2.A importância do jornalismo no terreno .....	7
1.3. O papel do Jornalista e do Repórter.....	10
1.4. Prospecção sobre a evolução do jornalismo no terreno .....	15
<b>CAPÍTULO II: A INFORMAÇÃO TELEVISIVA .....</b>	<b>18</b>
2.1.O primeiro jornal da SIC .....	19
<b>CAPÍTULO III: A QUALIDADE DO JORNALISMO PRODUZIDO .....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO IV: CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA.....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO V: A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA SIC .....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO VI: A IDA PARA O TERRENO COMO FATOR DETERMINANTE NA QUALIDADE DO JORNALISMO PRATICADO NA SIC .....</b>	<b>38</b>
6.1. Opções metodológicas.....	38
6.2. Corpus de Análise .....	41
6.3. Caracterização dos trabalhos desenvolvidos.....	42
6.4. Discussão dos resultados.....	52
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>60</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>64</b>
<b>OUTRAS FONTES .....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>72</b>
Anexo 1 – Entrevista a André Antunes .....	72
Anexo 2 – Declaração de Estágio .....	79

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, um dos temas que tem marcado a atualidade nas discussões jornalísticas é a sedentarização das redações, isto é, a crescente produção de notícias a partir das redações sem os jornalistas irem para o terreno. Têm-se debatido as causas que originaram tal tendência e de igual forma têm-se analisado as consequências positivas e negativas que tal fenómeno comporta para o jornalismo e principalmente para o fim último da produção noticiosa: o público.

Nesse sentido, revelou-se pertinente caracterizar o estado do jornalismo nos dias de hoje, no que à maior ou menor sedentarização das redações diz respeito e estudar até que ponto a ida ou não para o terreno condiciona a qualidade do jornalismo produzido. Após a análise desta temática, escolheu-se assim como questão central para esta investigação o seguinte: “Jornalismo no terreno: fator diferenciador na qualidade do jornalismo do Primeiro Jornal da SIC?”

Para a análise deste tema, escolheu-se como meio de estudo um dos principais canais de televisão portugueses: a SIC. O objetivo foi estudar esta temática tendo como base uma das principais redações televisivas noticiosas do país. Dessa forma, o objetivo é analisar se no caso da redação da SIC a ida para o terreno é um fator diferenciador na qualidade do jornalismo produzido pela estação televisiva. Estando este estudo inserido numa componente prática de estágio, mas também teórica no âmbito do mestrado, ao longo do trabalho serão interligados contributos de ambas as naturezas.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram usados diferentes métodos de investigação que permitiram fazer análises diferentes e por isso chegar a conclusões complementares. Foram usadas técnicas documentais, através da extensa literatura analisada nesta temática. Foi usada a observação participante para poder analisar este fenómeno *in loco*, uma vez que eu era parte integrante da redação. Foi usada uma análise de conteúdo que caracteriza intensivamente o objeto de estudo e finalmente foi usada a técnica da entrevista para poder adquirir o conhecimento de um profissional que está em funções de coordenação no que a esta temática diz respeito.

Dessa forma, a análise empírica levada a cabo neste trabalho investigativo, é posteriormente enquadrada e cruzada, tendo por base os conhecimentos teóricos que pesquisei sobre o tema, e tendo também por base os conhecimentos práticos de alguém que trabalha diariamente no meio jornalístico. Desta forma, consegue-se uma visão completa e sustentada sobre a temática em questão.

Este trabalho está dividido em vários capítulos, num seguimento lógico e ordenado que permitem chegar a conclusões sólidas no final deste trabalho. Assim, o capítulo I, o capítulo II e o capítulo III, enquadram teoricamente o tema a ser analisado. São expostos contributos de diferentes autores que se debruçaram sobre o estudo desta temática. Cada um dos capítulos foca-se numa parte diferente do tema e dessa forma todas as partes da questão central que orientam este estudo ficam cobertas. No capítulo IV é feita uma caracterização e evolução do órgão de comunicação social onde o estágio se desenvolveu – a SIC. O capítulo V diz respeito à caracterização das atividades desenvolvidas ao longo de todo o período de estágio, como observadora participante. Finalmente no capítulo VI, está presente a investigação levada a cabo neste trabalho académico, que abrange as opções metodológicas e o objeto de estudo escolhidos, assim como a investigação empírica feita com base na atividade desenvolvida na redação durante os três meses de estágio. Estes resultados são analisados à luz das perspetivas teóricas recolhidas na revisão da literatura e à luz da componente prática obtida através da entrevista realizada ao coordenador do Primeiro Jornal. Todo este trabalho é fechado nos principais pontos que estão presentes na conclusão.

## CAPÍTULO I: JORNALISMO NO TERRENO

Exercer jornalismo exige um conjunto de várias competências, saberes e métodos, interligando conhecimentos teóricos e práticos. Existem práticas complementares no exercício do jornalismo, sendo que umas se baseiam mais num trabalho de terreno e outras mais num trabalho desenvolvido na redação. A base de praticar jornalismo é reportar factos e acontecimentos. Para que isso aconteça, na maioria dos casos, é essencial estar no local onde as coisas acontecem e no tempo em que acontecem. Posteriormente, o que distingue a ação de um jornalista de um comum cidadão sobre esses mesmos acontecimentos é o conhecimento, ‘o faro’ e o olhar jornalístico. É a forma de abordar o assunto, as pessoas com quem fala, as questões pertinentes que coloca, as técnicas de comunicação que usa e a forma como sabe contar uma história, que fazem a diferença. Estas são algumas das competências adquiridas pelos jornalistas e que são altamente valorizadas quando se exerce jornalismo no terreno.

Por jornalismo no terreno entende-se a atividade desenvolvida quando um jornalista está no exercício das suas funções no contacto com uma realidade exterior, seja ela qual e onde for. Pressupõe a saída do jornalista da redação para ir ao terreno observar, interagir e recolher informações relevantes sobre os acontecimentos. É depois na redação que todo esse material é trabalhado e materializado na construção da peça noticiosa. (Bureau of Labor Statistics, U.S., 2021).

Dada a importância que esta forma de exercer jornalismo tem tido ao longo dos tempos e o quanto tem sido amplamente usada, torna-se pertinente estudá-la e caracterizá-la para percebermos a sua evolução ao longo do tempo, as suas mais valias, os seus pontos fracos e o grande contributo que continua a trazer para a forma de fazer jornalismo.

Uma vez que o trabalho aqui proposto se foca no jornalismo televisivo, será esse o meio de análise para discutir estes temas. No entanto, sempre que se revele oportuno, os restantes meios serão igualmente mencionados, ao longo do trabalho.

Este capítulo divide-se assim em vários subcapítulos de modo que os diferentes aspetos sobre o jornalismo no terreno sejam cobertos. Primeiro, caracteriza-se o que é o jornalismo no terreno e por oposição o que é o ‘jornalismo sentado’. De seguida, aborda-se qual a importância do jornalismo no terreno, interligando com uma perspetiva retrospectiva. O subcapítulo seguinte é dedicado à distinção entre o trabalho do jornalista e o trabalho do repórter, uma vez que este último está mais associado a um trabalho jornalístico no terreno. Por fim, faz-se uma análise

prospetiva sobre quais se pensa serem as tendências futuras na evolução do jornalismo feito no terreno.

### 1.1. Uma breve caracterização

Segundo o dicionário da língua portuguesa, jornalismo é definido como uma “atividade de recolha e análise de informações da atualidade com o objetivo de as transmitir ao público através de meios de comunicação social”. (Infopédia, 2021). Ora como é possível identificar, na definição de jornalismo transcrita, nela não é especificado como essas informações deverão ser recolhidas. Existem várias formas de as recolher, nomeadamente, indo para o terreno ou não. Neste último caso a recolha será feita através de meios tecnológicos e à distância, na redação.

O jornalismo no terreno implica um jornalismo de proximidade, em que o jornalista desempenha a função de repórter, experienciando e relatando tudo o que de relevante se passa no local dos acontecimentos. Como veremos a seguir, segundo vários autores e profissionais do meio, esta maneira de fazer jornalismo deveria ser sempre a implementada, sendo a correta forma de se exercer a profissão. Ser jornalista implica estar no local onde as coisas acontecem, experienciar as situações para as poder transmitir da melhor forma possível. Nesta perspetiva, ir para o terreno será uma condição imperativa para se fazer jornalismo e um dos seus pilares e fundamentos de constituição.

Já por oposição ao jornalismo no terreno e de acordo com Erik Neveu (2001), usa-se a expressão de jornalismo sentado que foi adaptada do francês (*jornalisme assis*). Designa um jornalismo mais orientado para o tratamento de uma informação que não é recolhida pelo próprio jornalista, opondo-se, por isso, ao *journaliste debout* ou jornalista de pé, cuja principal função é a recolha de informações através do contacto direto com as fontes. (Tulha, 2012, p.8). Assim, o jornalismo sentado exerce-se nas redações, sem ir para o terreno. Neste caso, o jornalista constrói as notícias tendo por base imagens e informações que obtém à distância, sem ter de ir para o local do acontecimento testemunhar os factos e entrevistar as pessoas envolvidas. É o caso das muitas notícias que são reproduzidas com base em informações divulgadas pelas agências noticiosas. Hoje em dia, o acesso às tecnologias de informação no meio jornalístico também fomentou muito a prática deste tipo de jornalismo. Tal deve-se à facilidade e à rapidez com que se obtém informações através de inúmeros contactos e de variadas plataformas sem o jornalista estar no local dos acontecimentos. Muitas vezes as peças são construídas neste âmbito, juntando a estas informações imagens provenientes das agências noticiosas, de arquivo

ou captadas por cidadãos e enviadas aos *media*. Durante o período de estágio produzi conteúdos nesta base e vi também vários jornalistas na redação a fazê-lo. Felisbela Lopes, evidencia esta tendência nas redações afirmando que “num contexto em que o lucro é o objetivo das redações, os processos sociais, políticos e económicos podem ser facilmente subalternizados face a lógicas de poupança que frequentemente colocam o jornalista a tratar do que acontece a partir da redação, usando textos/imagens de agências noticiosas, o que origina os mesmos discursos jornalísticos em vários meios”. (Lopes, 2015, p.24).

No entanto, é importante deixar claro que nem num nem noutro caso fica posta em causa a veracidade das informações apresentadas ao público. Essa é assegurada quer o jornalista saia para o terreno ou fique na redação. Por vezes até acontece uma situação curiosa do ponto de vista jornalístico: não raras vezes, hoje em dia, os jornalistas que estão na redação sabem primeiro certas informações face àqueles que estão no local dos acontecimentos. Esta situação acontece com frequência devido à velocidade com que as informações circulam nos meios tecnológicos e digitais. Há uns anos tal era impensável de acontecer, uma vez que para tomar conhecimento dos factos o jornalista tinha mesmo de se deslocar até ao terreno.

O que está aqui em causa é a forma como se recolhe as informações a apresentar ao público e a forma de exercer jornalismo, complementando diferentes técnicas e saberes. Apesar de ainda ser dada grande importância aos olhos que veem e aos ouvidos que ouvem, hoje em dia já não é determinante estar no local dos acontecimentos para os poder reportar com clareza e verdade.

Importa agora caracterizar a forma de fazer jornalismo hoje em dia, tendo em conta estes dois métodos: o jornalismo no terreno e o jornalismo sentado. Há algum que esteja em desuso e outro em crescente uso? Quais as motivações e em que casos os órgãos de *media* hoje em dia usam mais o jornalismo sentado e em que casos usam mais o jornalismo no terreno (ou uma mistura de ambos)? Que fatores influenciam esta relação? Tendo por base dois estudos, um da Universidade do Minho (Soares, 2012) e outro da Universidade Nova de Lisboa (Tulha, 2012), agrupo os fatores que contribuem para um crescimento da prática do jornalismo sentado em três categorias: fatores de natureza financeira, fatores de natureza cultural e fatores de natureza tecnológica.

Nos fatores de natureza financeira, sabe-se que não é um fenómeno recente o da falta de meios no jornalismo. Sabe-se também que nos últimos anos, muitas vezes o jornalismo encontrou-se refém dos interesses dos seus financiadores, limitando assim a tão importante isenção jornalística uma vez que há vários grupos de interesse que neste cenário não deverão ser visados, caso contrário o jornalismo perderia parte importante dos seus financiadores. Tal

situação é incompatível com o pleno exercício do jornalismo que tem os seus pilares assentes numa atividade independente, livre de interesses económicos e particulares, e cujo objetivo principal deve ser o de servir o interesse social, chamado interesse público, independentemente dos assuntos que se abordam e de quem está envolvido neles. Por isso mesmo, o jornalismo pode ser comparado a um bem público em algumas das suas características.

Esta escassez de meios financeiros que se tem verificado nas redações nos últimos anos, tem levado a que se pratique mais um jornalismo sentado e menos no terreno, uma vez que são contratados menos profissionais, logo a gestão dos recursos humanos é mais exigente ao ponto de os coordenadores pensarem duas vezes antes de enviar um jornalista para o terreno. A ajudar a esta situação, a maior facilidade com que se obtêm as informações à distância de uma forma rápida, credível e baseado em fontes oficiais, faz depender menos o jornalismo desta ida para o terreno. Ainda, a rapidez com que se exige fazer jornalismo hoje em dia, obriga a que estejam mais meios nas redações a produzir constantemente notícias de cariz mais superficial e menos meios no terreno a explorar temas de uma forma mais completa e profunda que naturalmente são menos compatíveis com uma maior rapidez na produção noticiosa. Este fator é abordado numa das obras da autoria de Felisbela Lopes. A autora deixa clara a sua opinião sobre os condicionamentos financeiros que se abatem sobre o jornalismo quando afirma que “hoje é difícil ir até ao fim da rua ou até ao fim do mundo à procura de uma boa história. Não há dinheiro. É preciso fazer mais com menos”. (Lopes, 2015, p.7).

Passando agora para a segunda dimensão desta análise, o fator cultural, é certo também que o jornalismo nos últimos anos atravessou e atravessa uma crise deontológica no que aos seus valores diz respeito. Apesar de para os jornalistas sempre ter estado bem claro o que é considerado jornalismo ou não, aos olhos do público com pouca literacia mediática, tal definição já não é tão evidente assim. Uma série de mudanças sociais deixaram pouco claras estas fronteiras, criando espaço para dúvidas na sociedade sobre o valor jornalístico de certos formatos comunicativos como um podcast, um blogue, entre outros. No entanto, para os profissionais do meio, é bem claro que estas são apenas formas de comunicar com o público, mas não de exercer jornalismo. Ainda assim, e acompanhando a própria evolução do mundo, é partilhada a opinião de que as formas de fazer jornalismo alteraram-se e os profissionais que o fazem também. Como se sabe, há vários meios de comunicação social atualmente regulamentados pela ERC, em que se questiona a sua legitimidade para exercerem jornalismo e se deverão ou não ser considerados órgãos de comunicação social. Com o surgimento de novas e desreguladas formas de informação, como as redes sociais, o valor que é dado ao jornalismo tradicional foi significativamente alterado. Também nos formatos jornalísticos este

problema é evidente, com os meios tradicionais como a televisão, a imprensa e a rádio a sentirem de forma abrupta estas mudanças e a terem de se reinventar para se atualizarem e para fazerem face aos novos desafios.

A terceira dimensão desta análise, composta pelos fatores tecnológicos, desempenha também um papel determinante. Tal como já referido anteriormente, a facilidade e rapidez com que se obtêm as informações necessárias e suficientes para construir uma notícia sem sair da redação está a um nível nunca antes visto. Tal situação incentivou a prática do jornalismo sentado, a par de todos os outros fatores já em cima abordados. A necessidade e o número de vezes que os jornalistas saem da redação é cada vez menor. Estas mudanças tecnológicas são objeto de estudo no meio jornalístico. Eduardo Cintra Torres na sua obra ‘Televisão do Século XXI’, afirma que

A era digital, particularmente a fase final do século XX e início do século XXI, marca um novo período da história da televisão. A TV pode agora ser assistida em múltiplos meios e equipamentos (Internet, TDT, 3G e 4G). Atualmente, é possível a “unificação das linguagens técnicas de todos os meios escritos, orais e visuais numa só, permitindo a presença de todos os tipos de conteúdos em qualquer meio e o seu acesso e criação também pelos utilizadores. (Torres, 2018, pp. 12-13).

Posto este cenário, e uma vez que o jornalismo no terreno continua a ser praticado, torna-se então legítimo questionar em que casos o jornalismo no terreno se revela útil e diferenciador na qualidade do jornalismo praticado, exemplificando em que casos é que ele está a ser usado hoje em dia. Olhar para os argumentos de académicos e profissionais do meio que defendem a importância da prática do jornalismo no terreno ajudará a clarificar estas questões.

## **1.2.A importância do jornalismo no terreno**

Segundo Galina Timchenko, editora executiva do site de notícias online da Letónia, Meduza, uma das vantagens de praticar jornalismo no terreno é o combate à desinformação. Nas palavras da própria, “as *fake news* combatem-se com o jornalismo no terreno e não tentando eliminar os grupos propagadores das *fake news*”. (IJNET, 2018). A editora afirma ainda que algumas das boas práticas para combater a desinformação passam por “envolver o público em termos simples e claros, evitando tons condescendentes. Estas boas práticas devem ser inseridas em reportagens locais, com correspondentes que viajam para os locais dos acontecimentos.”

(IJNET, 2018). Esta abordagem é também partilhada por Natalia Anteleva<sup>2</sup>, CEO e editora chefe da Coda Story <sup>3</sup>que afirma “ser necessário parar de lutar contra as notícias falsas e começar a cobrir os problemas”. (Anteleva, 2017). Através desta abordagem é possível fazer um relato prático e lento que permite que surjam boas histórias da massa de desinformação que circula a alta velocidade. Ainda nesta perspetiva, Anteleva considera essencial que os jornalistas no terreno aprofundem assuntos que são normalmente abordados de forma superficial pelos grandes *media*. Dá como exemplo a política, área em que os jornalistas em vez de se focarem nas reivindicações dos políticos, deveriam antes focar-se em ir para o terreno e verificar os factos por eles próprios e confirmar se os políticos executam as medidas às quais se propõem ou não. Esta abordagem é ainda complementada por Simon Ostrovsky, outro editor da Coda Story, que afirma que várias vezes todo o ruído noticioso em que o jornalismo se move atualmente dificulta a descoberta do “material real” que realmente importa passar. O editor afirma que a melhor forma de combater tal situação é indo para o terreno, praticando um tipo de reportagem focada e minuciosa.

Um outro argumento a favor da importância deste tipo de jornalismo é o de conseguir dar ao leitor uma veracidade na escrita que o transporta para o local do acontecimento sem lá estar. Segundo a jornalista Liz Szabo, pertencente à publicação USA Today<sup>4</sup>, esta é uma característica apenas possível para aqueles jornalistas que se deslocam ao terreno e que sentem, olham e cheiram tudo o que os rodeia, no fundo que façam pleno uso dos seus sentidos e do seu ‘faro jornalístico’, ao contactarem com as pessoas envolvidas e ao apurarem os factos relevantes que muitas vezes os levam de história em história no enlace e numa magia que só o jornalismo no terreno pode proporcionar. É essa busca incessante e a perspetiva de que há sempre algo de mais relevante a desvendar que alimenta parte desta forma de fazer jornalismo. Liz Szabo defende que a riqueza do jornalismo que se fazia antes de haver a Internet era muito maior pois isso obrigava os jornalistas a irem para os mais diversos palcos dos acontecimentos o que lhes dava um maior conhecimento, experiência e perceção sobre a realidade. Essa experiência contribuía para que fossem produzidas histórias mais profundas, completas e intensas. No entanto, este já não é o cenário mais recorrente atualmente e como a própria autora indica:

Não nos podemos esquecer de que hoje em dia o mundo mudou e já não é mais um lugar em que há tempo para produzir histórias no terreno. Hoje em dia as fontes são várias e os modos de obter conhecimento e informação são inúmeros. E as coisas acontecem a

---

<sup>2</sup> Ex-correspondente da BBC

<sup>3</sup> Plataforma de notícias online sediada em Nova York.

<sup>4</sup> Jornal diário publicado nos EUA

uma velocidade muito maior. Para que a quantidade de informação que recebemos a cada momento seja também maior, é necessário que se produzam notícias de forma rápida e numa quantidade considerável, com menos detalhes e de uma forma mais superficial. (Szabo, 2007)

Esta importância de ir para o terreno para transmitir as informações com veracidade ao público é confirmada pelo repórter Brad Heath que no seguimento das suas visitas a Nova Orleães a propósito da ocorrência do furacão Katrina afirmou “não achar ser possível ter escrito sobre o silêncio no Lower Ninth sem o ouvir por ele mesmo”. (Szabo, 2007). Heath deixa ainda a nota sobre a importância da ida para o terreno ser alargada a todos os intervenientes na produção jornalística, “não só os repórteres devem ir para o terreno mas também os editores.” (Szabo, 2007).

Há ainda a opinião de que até ao momento não surgiu ainda nenhuma outra técnica jornalística tão boa como a de fazer jornalismo no terreno. David Crowe num artigo publicado no *The Interpreter* pertencente ao Lowy Institute Sydney, afirma que até ao momento “nada surgiu para substituir um correspondente estrangeiro dedicado que está no local onde as coisas acontecem, com tempo para se estabelecer e estabilidade financeira para relatar em profundidade.” (Crowe, 2017). Nesse sentido, afirma mesmo que existe um “valor continuado no jornalismo de terreno”. (Crowe, 2017). David afirma ainda que há dois imperativos que devem guiar os jornalistas quando trabalham no terreno. O primeiro é “experienciem os eventos que estão a ocorrer com os seus próprios olhos e não através de olhos de terceiros que podem ser agências noticiosas ou órgãos de media locais.” (Crowe, 2017). O segundo imperativo é “transmitirem essas percepções da forma mais real possível aos seus leitores e telespectadores.” (Crowe, 2017). Essa postura dará uma sensação de confiança de um valor incalculável ao seu público que será altamente valorizada no meio jornalístico e beneficiará o órgão de comunicação social que adotar esta postura.

Há ainda a experiência transmitida por parte de alguns profissionais do meio do jornalismo que tal como afirmam no estudo de mestrado elaborado por Filipa Soares para a Universidade do Minho, consideram que as principais desvantagens do jornalismo de secretária são a falta de verificação ou as dificuldades para confirmar informações, o distanciamento da realidade, a falta de abordagem humana e as limitações da informação disponível. Indo mais a fundo nas percepções recolhidas por parte de alguns profissionais que praticam jornalismo um pouco por todo o mundo, alguns afirmam que não indo ao terreno “perde-se a essência do jornalismo de contar histórias e passa-se a ser um escritor.” (Soares, 2012, p.42). Afirmam ainda que apesar

de nas regras do jornalismo não estar contemplada a transmissão de opiniões ou emoções, a ida para o terreno ajuda a captar a essência para escrever a história mesmo na base da imparcialidade. No entanto, neste mesmo estudo, há opiniões diferentes. Um dos exemplos é dado por um jornalista britânico, que afirma com perplexidade “o quão caótico e absurdo seria se todos os jornalistas dos vários meios de comunicação se deslocassem ao terreno para reportar um determinado acontecimento.” (Soares, 2012, p.43). Diz ainda que por vezes pode ser mais difícil confirmar a informação no terreno do que estando na redação. Afirma que é importante saber evoluir, fazendo uso das sinergias que um trabalho partilhado possa proporcionar e da eficiência que esses novos métodos de trabalho também possam trazer. Um exemplo destas benéficas sinergias que se possam criar é confiar na informação disponibilizada pelas agências noticiosas uma vez que o seu papel é efetuar o trabalho de confirmação. Neste trabalho, é transmitida a ideia de ser perigoso alimentar o foco de que os jornalistas que vão para o terreno possam ser considerados ‘mais’ jornalistas do que os que ficam a escrever na redação. Considera que mesmo nesses casos em que não há uma ida para o terreno, o trabalho do jornalista continua a ser bastante importante na seleção da informação, na sua confirmação e na exposição da história. No entanto, estes profissionais que acham viável fazer jornalismo através da redação, também não renegam a importância que sabem ter a ida para o terreno. Tal como afirma uma jornalista portuguesa <sup>5</sup> que compôs a amostra deste estudo, “essa deve ser a primeira tentativa de ação e só não sendo possível é que se deve recorrer às agências de notícias como segunda fonte mais fidedigna.” (Soares, 2012, p.44).

### **1.3. O papel do Jornalista e do Repórter**

Tradicionalmente o jornalista que se desloca até ao terreno para desenvolver o seu trabalho, é classificado como repórter. Por isso, importa agora debater sobre qual o papel do jornalista e qual o papel do repórter. Deve-se considerar o jornalista que vai ao terreno um repórter e o jornalista que não sai da redação ‘apenas jornalista’? Quais as funções que distinguem um e outro? Qual das duas funções é atualmente mais valorizável no mercado de trabalho e qual será no futuro? Estas são algumas das questões que serão abordadas nesta secção.

Em termos de caracterização, e segundo André Antunes, coordenador do Primeiro Jornal da SIC, “um jornalista é definido como aquele que não indo necessariamente para o terreno, sabe claramente identificar onde está a notícia, é isento e rigoroso a averiguar os factos e escreve a notícia cumprindo as regras jornalísticas.” (Antunes, 2021). Já um bom repórter, “é alguém que

---

<sup>5</sup> No estudo referido, não são identificados os jornalistas que compõem a amostra da análise investigativa

faz grande parte do seu trabalho no terreno, sabendo envolver-se bem com os acontecimentos e com as pessoas que deles fazem parte, reportando os factos (em direto ou não) de uma forma precisa, fluída e envolvente para o telespectador”. (Antunes, 2021). Nesse seguimento, afirma que:

Há excelentes jornalistas que não são bons repórteres. Isso acontece quando numa determinada situação, o jornalista consegue debitar factos do que está a acontecer, mas não consegue interagir com todo o cenário à sua volta. Isso é ser um mau repórter, apesar de poder estar a ser um bom jornalista. O contrário também pode acontecer – pode estar a ser feita uma excelente descrição do que se passa no local, mas no fim da peça o jornalista não dá conta dos factos mais importantes. Mas eu diria que um bom repórter é sempre um bom jornalista. Já um bom jornalista nem sempre é um bom repórter. Em resumo, um bom repórter é alguém que relata bem a realidade. E um bom jornalista é alguém que trabalha com rigor, que se preocupa em ouvir as partes todas e percebe claramente onde está a notícia. (Antunes, 2021)

De acordo com um artigo intitulado “Journalist vs. Reporter: What’s the Difference?” publicado pela Maryville University<sup>6</sup>, tanto o repórter como o jornalista são essenciais para o meio jornalístico. No entanto, são atividades separadas pois como se afirma na publicação: “reportagem e jornalismo são disciplinas distintas”. (Maryville University, 2021).

Assim, o papel principal do jornalismo é recolher informações e investigar acontecimentos para em seguida e com base nesse conteúdo, elaborarem-se histórias. Os métodos usados podem ser áudio, vídeo ou escrita e normalmente os jornalistas têm um ‘bom faro’ para descobrir e desvendar informações. Os jornalistas podem especializar-se numa determinada área, como finanças, desporto, cultura, etc. Em televisão, esta situação é comumente identificada com as editorias das quais fazem parte um conjunto de jornalistas. Parte importante do trabalho do jornalista é identificar quais os tópicos com interesse jornalístico, para criar uma história envolvente e informativa. Nesse seguimento, os jornalistas devem desenvolver diversas competências. Uma delas é o conhecimento na realização de entrevistas. Ou seja, considerando

---

<sup>6</sup> Universidade privada localizada no Missouri, EUA. É reconhecida pela sua educação inclusiva e tecnológica.

que uma parte significativa do trabalho jornalístico consiste em entrevistar pessoas, será importante que os jornalistas saibam fazer as perguntas certas, da maneira certa. E a maneira certa é aquela que lhes permite chegar ao ponto essencial de uma história. Captar a atenção do entrevistado, envolvendo-o na entrevista é uma competência importante a ser desenvolvida. Essa envolvimento deverá passar posteriormente para o público, quando a história é publicada. Uma parte importante das técnicas de entrevista também consiste em saber identificar quando o entrevistado não está a responder diretamente à questão que lhe foi colocada e saber insistir ou colocar a questão de outra forma para que a questão seja respondida.

Outra das competências muito importantes que os jornalistas devem desenvolver é a capacidade de pesquisa. Uma vez que as notícias devem ser baseadas em factos, é muito importante que a pesquisa seja feita nas fontes certas, junto das pessoas certas. A este respeito, Lopes (2015, p.63) considera que “os jornalistas ouvem, cada vez mais, apenas elites de poder (o que cria uma uniformização de conteúdos), e alerta para uma situação: as fontes podem sobrepor-se ao poder do jornalista.”

Por vezes chegar às fontes certas, não é algo muito acessível, mas por isso mesmo é que deverá ser o jornalista a desempenhar esse trabalho e não um comum cidadão pois à partida o jornalista terá ao seu dispor um conjunto de conhecimentos e meios privilegiados para chegar aos factos. Para além disso, manter sempre a veracidade nas notícias e nas histórias publicadas confere ao jornalista um grau de credibilidade e confiança junto do público que é absolutamente essencial para o sucesso do seu trabalho enquanto jornalista.

Neste âmbito será então importante clarificar qual o propósito do trabalho jornalístico. Segundo os autores Kovach e Rosenstiel (2007), o propósito do jornalismo “não é definido pela tecnologia, nem pelos jornalistas nem pelas técnicas que usam. Em vez disso, os princípios e o propósito do jornalismo são definidos por algo mais básico: o papel e a importância que as notícias representam na vida das pessoas.” Dessa forma, podemos concluir que a função do jornalismo e por consequência do jornalista é fornecer aos cidadãos a informação de que necessitam para tomarem as melhores decisões possíveis nas suas vidas, comunidades, sociedades e governos.

Ainda no âmbito das competências do jornalista, há uma função que é absolutamente essencial e que se trata da capacidade de seleccionar que temas irão ser cobertos e transmitidos ao público e que temas não serão. É o chamado ‘papel do *gatekeeper*’. (Tulha, 2012, p.9). Esta seleção é feita obedecendo a vários critérios, mas há um que é fundamental e que se trata do interesse público do acontecimento. Esse sem dúvida deve ser um dos maiores guias intemporais do

jornalismo. Esta realidade é partilhada por profissionais do meio que têm funções de chefia e de decisão tais como coordenadores e editores. Tal como afirma o coordenador do Primeiro Jornal,

Para tomar a decisão do que se escolhe fazer ou não, eu só me guio por uma coisa que é: se isto interessa ou não às pessoas. Eu ponho-me muitas vezes no lugar de espectador, e faço um exercício simples: se eu estivesse em casa a ver televisão, se isto me interessava ou não. O meu farol é esse. Se o assunto tem impacto na vida das pessoas, se isto pode mudar a vida das pessoas, se isto pode mudar a sua opinião sobre um assunto ou se isto contribui de alguma forma para que nós enquanto sociedade sejamos uma sociedade melhor, mais informada, com uma melhor opinião. (Antunes, 2021)

Fazendo a ligação ao meio profissional, não será demais lembrar que diversas vezes os profissionais que se formam em jornalismo, não exercem funções de jornalista. São disso exemplos, os redatores de conteúdo, os especialistas em relações públicas online, os assessores de imprensa, entre outros. No entanto, várias das competências que foram adquiridas ao longo da formação em jornalismo, revelam-se úteis no exercício destas funções.

Passando agora para o espectro das funções do repórter, este é definido como alguém que sabe reportar de forma isenta, clara e objetiva, informando o público sobre tudo o que de relevante está a acontecer num determinado momento. Os repórteres são um subconjunto dos jornalistas. Muitos repórteres trabalham como jornalistas, mas nem todos os jornalistas são repórteres. A principal função do repórter é ser alguém que vai para o terreno contar uma história, mesmo que em muitas dessas vezes não tenha sido ele a investigar sobre o tema em questão. Jacinto Godinho que foi um grande repórter e investigador, debruçou-se sobre o estudo da reportagem televisiva. Nesse âmbito afirma que “a reportagem é o exercício de ‘regressar lá’, de voltar ao local dos acontecimentos geradores de notícias para verificar os factos, obter reações e saber mais, proporcionando ao espectador uma experiência nova, uma viagem.” (Godinho, 2011). Como o próprio indica, o ato de reportar é único no exercício das funções no jornalismo. “O ‘re-portar’ ativa uma ‘ligação’ às realidades diferente do ‘noticiar’ (telejornal), do ‘interpretar’ (comentário), do ‘opinar’ (crítica) e do ‘testemunhar’ (entrevista). (Godinho, 2011). Como já foi dito anteriormente, na ida para o terreno há dois elementos que são fundamentais: “Voz e imagens são elementos estruturantes da reportagem. O texto/voz deve render-se às imagens que assumem as rédeas da narrativa”. (Godinho, 2011).

Uma das principais competências que os repórteres precisam de desenvolver é a técnica de reportagem que exige que o repórter no terreno saiba fazer uma leitura correta dos acontecimentos e que os transmita de forma objetiva, correta e sucinta ao telespectador, criando para isso um estilo próprio de comunicação. Uma segunda competência necessária que o repórter deve desenvolver e que também é comum ao jornalista são as técnicas de entrevista uma vez que no terreno o repórter também poderá ter que entrevistar determinadas pessoas a fim de obter as informações necessárias sobre um acontecimento. Por fim, o repórter também terá de desenvolver competências de gestão de tempo. Uma vez que ser repórter implica ir para o terreno e que os repórteres só podem estar num único local em cada momento, é importante que saibam fazer uma boa seleção dos locais onde vão estar e dos acontecimentos que vão cobrir no sentido de informarem o público da melhor forma possível.

Através de conhecimentos adquiridos ao longo da disciplina de Ateliê Televisivo, lecionada durante o 1º ano deste mestrado, ficou claro que existem várias diferenças entre a função de jornalista e a função de repórter, mas também muitas semelhanças. As diferenças são ao nível das competências que cada um deve adquirir, das suas áreas de atuação e das oportunidades profissionais de que dispõem. É importante lembrar que apesar de fazerem ambos parte do mesmo meio profissional, há uma diferença significativa entre os dois na parte da pesquisa do trabalho. Enquanto que um jornalista quando escreve uma notícia faz necessariamente todo um trabalho de pesquisa sobre o tema em questão, o repórter pode não o fazer. Nesse caso o repórter está no terreno a relatar o que vê mas todo o trabalho de pesquisa e de contextualização pode já ter sido feito pelo jornalista na redação, sendo depois essas informações passadas ao repórter.

No entanto, tanto o repórter como o jornalista estão sujeitos aos mesmos deveres e responsabilidades que passam pela consciência da abrangência que o seu trabalho pode ter, ao estar disponível para um número elevado de pessoas. Estas informações para além de educarem, podem servir como base de conhecimento, influenciando as decisões de uma grande massa humana, sobre determinados acontecimentos. É muito importante que o jornalista nunca perca este sentido de responsabilidade do seu trabalho, tendo cuidado na seleção dos temas que transmite e como os transmite. Tendo como base apontamentos das aulas de Responsabilidade Social dos Media, lecionadas no 1º ano do mestrado, aprendemos que segundo o Código Deontológico do Jornalismo, uma outra importante responsabilidade que os jornalistas têm é a de obedecerem à lei do país em que estão inseridos, apesar de os jornalistas estarem abrangidos por uma proteção legal especial, por exemplo no que à proteção das fontes diz respeito, ou nas gravações de entrevistas, em que a permissão para gravar deve ser sempre pedida antes de se iniciar a conversa. Há ainda outros exemplos a ter em conta como as leis sobre a difamação e a

invasão de privacidade. É importante nunca se esquecerem que acima do seu exercício de funções está a lei geral que se aplica a todos os cidadãos e por isso não devem fazer um uso desadequado desse regime especial em que se inserem.

Outras regras básicas comuns quer ao repórter quer ao jornalista são a necessidade de o jornalista conversar com várias fontes sobre um mesmo assunto e mostrar sempre o contraditório. É importante que o jornalista crie uma relação de verdade, confiança e honestidade com o seu público pois só assim será visto como um profissional credível no meio de um mundo tão preenchido por informação diversa.

Desta forma, poderíamos considerar que este trabalho se foca mais no trabalho do repórter uma vez que se foca no trabalho desenvolvido no terreno. No entanto, como muitas vezes o jornalista que vai para o terreno é o mesmo que já fez toda a pesquisa de contextualização sobre o assunto e é o mesmo que depois produz e edita toda a peça jornalística com base nas informações que recolheu, concluímos que este trabalho incide sobre ambas as funções: tanto a do repórter, como a do jornalista.

#### **1.4. Prospeção sobre a evolução do jornalismo no terreno**

Já se percebeu a importância que o jornalismo no terreno tem tido ao longo dos anos e de que forma tem sido usado, e as alterações que tem sofrido. Posto isto será relevante fazer a análise na outra direção: então e no futuro, como evoluirá o jornalismo praticado no terreno? Continuará a ser valorizado e útil? Irá ser mais ou menos usado?

É através desta análise prospetiva que irão ser abordados alguns contributos de autores e profissionais do meio, estando conscientes da mais-valia que estas previsões podem desempenhar para melhor incorporar as mudanças que irão ocorrer e para que os jornalistas estejam mais bem preparados para quando essas mudanças chegarem.

Neste âmbito, será igualmente relevante perceber se irão ser introduzidas mudanças profundas na forma de praticar jornalismo ao ponto de as redações se tornarem quase totalmente sedentárias ou se por outro lado a necessidade e o investimento em ir para o terreno será cada vez maior. Como já se sabe, a forma cada vez mais tecnológica como a sociedade e o mercado de trabalho estão organizados pode conduzir a uma maior sedentarização. No entanto, será demasiado precipitado tirar esta conclusão sem aprofundar melhor esta análise. Aludindo a dois estudos prospetivos, teremos em conta este tópico.

Com base no primeiro estudo mencionado e intitulado de ‘How Technological Advancements Will Shape the Future of Journalism’, é afirmado que “o futuro do jornalismo passará por uma complementaridade entre os meios humanos e tecnológicos”. (Maryville University, 2021). Ou seja, “os jornalistas e os repórteres irão continuar a ser úteis no terreno, mas de igual forma será útil o uso da inteligência artificial na produção jornalística.” (Crespo, 2018). A grande mais-valia do uso da inteligência artificial nas redações será ajudar os jornalistas a verificar os factos em tempo real e a gerar a cobertura de notícias automatizada. Por isso mesmo, uma área de forte aposta do jornalismo no futuro será o jornalismo de dados. Obviamente que continuará a existir a necessidade de o jornalista ir ao terreno para desenvolver uma relação com as fontes, fazendo análises aprofundadas das informações disponíveis e determinar se um assunto em específico tem ou não interesse de ser coberto.

Ainda segundo esta publicação, e a par do já conhecido uso das redes sociais como forma de divulgação de histórias em tempo real, uma outra tendência do futuro do jornalismo será a crescente produção de outras formas de comunicar com o público como os podcasts, os blogs, entre outros. Todos estes formatos são altamente valorizáveis para uma comunicação mais próxima com o público.

É também referido que uma outra tendência no futuro do jornalismo será o uso da tecnologia *blockchain*<sup>7</sup> como uma forma de combater a desinformação e melhorar a rentabilidade financeira do jornalismo - “O sistema de *blockchain* aplicado ao jornalismo irá permitir que os leitores verifiquem a autenticidade da fonte da notícia, ajudando a evitar notícias falsas. Para além disso, o *blockchain* pode criar novas formas de os jornalistas cobrarem por conteúdo premium, usando micro transações.” (Farivar, 2021).

Avançando para o segundo estudo, nesta temática, a jornalista Rani Molla, afirma, num recente artigo escrito para a plataforma Recode<sup>8</sup>, que “o futuro do jornalismo poderá ser positivo, mas para isso é necessário considerar uma visão mais ampla do jornalismo.” (Molla, 2019). E esta visão está relacionada com a catalogação que é feita às profissões no campo do jornalismo. Ou seja, neste artigo constata-se que vários profissionais do meio do jornalismo deixaram empregos tradicionais (como editores, repórteres e jornalistas) em órgãos de media, para se adaptarem a outras funções que o mundo e o mercado de trabalho requerem das qualificações dos jornalistas, como por exemplo os “redatores de conteúdo” e os “gestores de redes sociais”. É bem claro que estas funções não são classificadas como pertencentes ao espectro do jornalismo. No entanto, a

---

<sup>7</sup> Blockchain é um tipo de Base de Dados distribuída que guarda um registo de transações permanente e à prova de violação.

<sup>8</sup> Site de notícias de âmbito tecnológico.

autora afirma “ser necessário uma redefinição do conceito do âmbito profissional do jornalismo em virtude destas mudanças para existir uma adaptação aos tempos que se vivem e em que o jornalismo opera”. (Molla, 2019). Para além desta redefinição do conceito de jornalismo, é necessária uma redefinição do mercado de trabalho e das suas métricas de análise laboral. À semelhança de outras profissões, o percurso profissional clássico no jornalismo alterou-se. Ou seja, hoje em dia, são raros os jornalistas tradicionais que se formam numa instituição académica e que ingressam de uma forma estável, remunerada e com emprego no mercado de trabalho desenvolvendo toda a sua vida profissional em funções de jornalismo tradicional num determinado segmento (televisivo, radiofónico ou de imprensa). Neste tipo de carreira, o jornalista por vezes ficava toda a vida no mesmo órgão de comunicação, outras vezes ia fazendo ligeiras mudanças. Tal como afirma Chris Daly, professor do departamento de Jornalismo da Universidade de Boston, “esses percursos não existem mais”. (Molla, 2019). Pela sua experiência no ensino, o professor afirma que muitos dos seus alunos se encontram numa área cinzenta do jornalismo, ocupando funções de “redatores de boletins informativos para um hospital” ou como “repórteres de investigação numa ONG”. (Molla, 2019). Afirma ainda que apesar de cada vez menos dos seus alunos irem trabalhar para jornais ou televisão, algumas das capacidades e conhecimentos que adquirem na faculdade continuam a ser intemporais e úteis nesses outros registos, ou seja, são independentes da função que exercem. No entanto, afirma que “há necessariamente competências que têm que ser desenvolvidas neste novo mercado de trabalho do jornalismo.” (Molla, 2019). Como exemplos são referidas competências na análise de dados, no marketing digital e no funcionamento de ferramentas como o Adobe Premiere e o Illustrator.

Por isso mesmo, possivelmente, no futuro, o jornalismo no terreno continuará a ser exercido e as competências que são adquiridas na vida académica continuarão a ser úteis no exercício do jornalismo. Poderá ainda existir uma importante redefinição das profissões no campo do jornalismo.

## CAPÍTULO II: A INFORMAÇÃO TELEVISIVA

O jornalismo em televisão reúne características que o tornam único no contexto do jornalismo. O mesmo acontece também com o jornalismo radiofónico, o jornalismo impresso ou o jornalismo digital. Nesse sentido, importa evidenciar as características do jornalismo que mais se adequam e destacam no jornalismo televisivo. Uma das características que o tornam único é a conjugação do texto e da imagem para a apresentação da informação. É necessário interligar ambas as dimensões complementando a informação que se apresenta num formato e no outro.

O autor Postman (1985) defende que a televisão é um meio pouco apropriado para apresentar conteúdos que se baseiem em análises profundas, dadas as suas características: “as características da televisão estruturam o tipo de conhecimento que transmite. A televisão é, nessa perspectiva, um meio que conduz e apela a representações dramáticas, pouco apropriado para argumentações lógicas e factuais ou análises profundas. A televisão é um meio de sensações, prazer e entretenimento.” (Postman, 1985). Numa outra perspectiva, é destacado um ponto em comum entre dois diferentes meios que são o jornalismo televisivo e o jornalismo impresso - “O jornalismo escrito e o jornalismo televisivo operam de maneira diferente em alguns contextos, mas em muitos outros assumem o seu papel da mesma maneira e trabalham as notícias nos mesmos termos. De facto, na maioria dos casos, as notícias que abrem os telejornais são, também, as que estão nas primeiras páginas dos jornais.” (Serrano, 2005, p.60).

Uma outra característica que define o jornalismo televisivo é a facilidade de compreensão das informações apresentadas e a sua imediatez, dado o impacto visual e esquemático que a televisão proporciona: “o jornalismo televisivo é pensado para produzir uma impressão e uma compreensão imediatas. Daí que tenda a ser simplificador. Sendo um meio essencialmente visual, o conhecimento que transmite é articulado visualmente.” (Ekström, 2002). Esta abordagem é partilhada por Estrela Serrano (2005) que afirma:

A televisão não é um meio apropriado para apresentação de uma grande quantidade de informação que requeira atenção a nuances. As reportagens televisivas raramente permitem longas exposições ou relatos pormenorizados. O jornalismo televisivo, é pensado para provocar sentimentos e empatia nos telespectadores. Em televisão, a inovação consiste, em grande parte, na descoberta de novos formatos e de novas soluções dramáticas e estéticas. (Estrela Serrano, 2005, p.61)

No jornalismo televisivo, como em qualquer outro meio, as audiências e os números são importantes. Segundo Ekström (2002), uma forma de atrair estas audiências é através da criação de conteúdos apelativos ao telespectador: “a televisão não deve nunca ser monótona e enfadonha, tem de ter acontecimentos”. Ainda neste campo, o autor defende que as audiências do jornalismo televisivo são incomparavelmente maiores que as do jornalismo impresso.

O jornalismo televisivo enquadra-se nos critérios de noticiabilidade comuns a qualquer meio jornalístico. No entanto, há alguns que são específicos deste meio, como por exemplo o valor da imagem. Segundo Bourdieu (1997), é consensual a opinião de que uma boa “estória” sem imagens tem poucas hipóteses de se tornar notícia. Já segundo Weaver (1975), “o jornalismo televisivo é organizado no tempo ao invés do jornalismo impresso que é organizado no espaço.” Ainda segundo este autor, o jornalismo televisivo é construído para ser visto como um bloco com uma determinada ordem estabelecida. Assim, no jornalismo televisivo, o objetivo não é aprofundar as notícias, mas antes mostrar o lado espetacular dos acontecimentos e fazer um ponto de partida sobre determinados assuntos que podem posteriormente ser mais aprofundados no jornalismo impresso. Por isso mesmo, “o jornalismo televisivo é mais superficial na medida em que se fixa nas imagens e nos sons, sobrepondo a emoção à razão.” (Weaver, 1975).

Como em qualquer outro meio, a televisão tem passado por alguns desafios ao longo dos tempos, nomeadamente, no modelo de negócio baseado na publicidade e nas fragilidades na capacidade do jornalismo televisivo cumprir o seu papel de serviço público. Uma característica essencial neste processo é a televisão ter a capacidade de se ir adaptando às mudanças dos tempos, conseguindo sempre captar o público que foi migrando para outros meios de informação. Uma das mudanças que se verificou nos últimos anos, foi a adaptação do jornalismo televisivo a outros meios que são complementares à tradicional televisão enquanto equipamento.

## **2.1.O primeiro jornal da SIC**

No seio do jornalismo televisivo, o meio privilegiado para a elaboração deste trabalho é o primeiro jornal da SIC. Por isso mesmo, revela-se pertinente que o mesmo seja caracterizado. O Primeiro Jornal está todos os dias no ar, desde as 13h até por volta das 14h45. O pivô base é Bento Rodrigues. No entanto, por motivos diversos, por vezes são outros pivôs a apresentar o Primeiro Jornal. O coordenador é André Antunes. O Primeiro Jornal é organizado por blocos de temas, ou seja, agrupa as notícias em diferentes blocos como sejam a justiça, o crime, o ambiente, a política, as greves, a economia, a cultura, o desporto, etc. Como ditam as regras

noticiosas, a notícia de abertura e seguintes são escolhidas pelo coordenador como sendo as mais relevantes que ocorreram até aquele momento. É raro o Primeiro Jornal abrir com notícias de conteúdo internacional, a não ser que seja um acontecimento verdadeiramente excepcional, como tem sido o caso da erupção do Vulcão Cumbre Vieja, na ilha de La Palma. Também são frequentes diretos no Primeiro Jornal sobre temáticas que estão a ocorrer no momento. A maior parte das peças que passam no Primeiro Jornal foram feitas com base na ida do jornalista ao terreno naquela manhã. Tal também acontece porque o coordenador André Antunes valoriza muito a ida para o terreno, sempre que possível, como um meio privilegiado para a construção da notícia.

Sendo o Primeiro Jornal um dos dois principais blocos informativos ao longo do dia, entende-se que é também um dos dois blocos com maior audiência através do qual os telespectadores se informam. Tal quer dizer que este bloco noticioso está sujeito a uma maior visibilidade. Por isso mesmo também é frequente haver alguma informação comercial nestes blocos de forma a captar financiamento para o canal televisivo. O grande objetivo deste bloco informativo é fazer o ponto de situação com os acontecimentos mais importantes sobre o País e o Mundo que aconteceram até ao momento. A informação é apresentada de uma forma resumida, tendo de haver uma seleção sobre os assuntos que se vão cobrir e aqueles que vão ficar de fora. É também importante que exista um elevado controlo da duração que cada notícia tem, tendo em vista o controlo da duração total do bloco informativo. Esta maior audiência que um formato como o Primeiro Jornal da SIC tem, condiciona a estrutura deste bloco informativo: “os noticiários deixam de ser serviços de informação para se converterem em estratégias de conquista de audiência como acontece com outros programas” (Cebrián, 2004, p.114). Renckstorf et al. (1999) concordam com esta perspetiva afirmando que “de uma forma geral, os noticiários deixaram de se cingir às atividades de procura de informação para passaram a desempenhar funções de entretenimento, sociais e de ocupação de tempo. (...) as notícias, os apresentadores e a estrutura são escolhidos para cumprir uma missão competitiva”.

Na publicação de Belo & Sendin (2006) intitulada ‘Noticiários de horário nobre em Portugal: duração e valor-notícia’, os autores afirmam que os princípios basilares de fazer jornalismo e de produzir um noticiário informativo se alteraram num bloco informativo como o Primeiro Jornal, guiados pelos interesses comerciais e pelas audiências. Fundamentam o seu raciocínio dizendo que a estrutura interna do jornal sofreu alterações, nomeadamente na base tradicional, que era dada pela pirâmide invertida. Tal regra modificou-se e as notícias que eram apresentadas em blocos que iam da maior para a menor importância à medida que o jornal ia

avançando, deram origem a estruturas que geram suspense e tentam manter as audiências ao longo do jornal.

Dada a enorme competitividade que norteia os principais canais generalistas<sup>9</sup>, a preocupação principal deixa de ser a qualidade do jornalismo prestado ao telespectador para ser a concorrência e a prossecução dos objetivos de gestão, comerciais e do lucro, “cada notícia tem que concorrer com as das outras estações televisivas e em alguns casos elimina-se a componente analítica, o comentário, o alcance ou o contexto, podendo facilmente cair-se num tipo de informação superficial, em que se deixa de narrar para passar a mergulhar nas causas.” (Belo & Sendin, 2006, p.4).

Nos formatos noticiosos de maior destaque como é o caso do Primeiro Jornal, existem também mudanças ao nível do conteúdo. Nesse sentido, “surgem assim notícias de sucessos, acidentes, tragédias, que têm maior destaque do que notícias económicas ou internacionais.” (Belo & Sendin, 2006, p.4). O destaque pelo que é negativo, que historicamente sempre teve um espaço de destaque na informação televisiva, é assim acentuado, ignorando os efeitos negativos que tais alinhamentos e enfoques podem trazer à vida e à saúde mental dos telespectadores e dos cidadãos.

Dá-se maior importância aos ataques pessoais do que à exposição de ideias, procuram-se testemunhos nos momentos de maior aflição e sofrimento, e o que é negativo é mostrado com maior frequência. É dedicado mais tempo a opiniões de especialistas em vez de se explicar e analisar melhor cada acontecimento. (Belo & Sendin, 2006, p.4)

Outro papel relevante que normalmente cabe aos blocos informativos de grande destaque é o de darem a conhecer outros conteúdos que o canal quer destacar, “em televisão, os noticiários são dos programas que dão mais credibilidade a um canal, na medida em que é a informação séria e rigorosa do jornal que consegue, muitas vezes, chamar a atenção para os restantes conteúdos” (Vaz, 2009, p. 29).

Igualmente importante, são os padrões pelos quais se rege o meio televisivo, que “procuram prender o espectador, dando prioridade ao insólito, ao excepcional e ao chocante” (Canavilhas, 2001, p. 115).

---

<sup>9</sup> Um canal generalista é um canal de televisão que transmite todo o tipo de programas, para todo o tipo de público.

Por tudo isto, não existem dúvidas de que o jornalismo televisivo dos principais blocos informativos tem um papel muito importante na sociedade. No entanto, ao longo dos anos o seu destaque tem sofrido alterações. De acordo com Bourdieu (2001), a televisão tinha “uma espécie de monopólio sobre a formação dos cérebros (...) da população”, já que eram muitos os que se dedicavam “de corpo e alma à televisão como única fonte de informação” (Bourdieu, 2001, p. 10). No entanto, com o avançar dos anos, embora existam muitas pessoas que continuam a considerar o telejornal como o “meio mais simples, cómodo, económico e acessível para se conhecer e compreender (...) como se transforma a sociedade”, não é menos verdade que “a televisão tem vindo a perder audiência” (Soares & Oliveira, 2007, p. 3). Em resumo, é possível concluir que apesar da enorme importância que estes blocos informativos continuam a ter, a sua audiência sofreu uma alteração, dispersando telespectadores por vários meios noticiosos. Por isso mesmo, um desafio permanente para os canais televisivos será conseguir reter os telespectadores.

### **CAPÍTULO III: A QUALIDADE DO JORNALISMO PRODUZIDO**

Uma vez que neste trabalho está em causa a análise da qualidade do jornalismo do Primeiro Jornal da SIC, com enfoque na característica da ida para o terreno, será pertinente entender junto da literatura analisada, quais os contributos apresentados para definir o que é considerado um jornalismo de qualidade e quais os fatores e variáveis que o compõem. Mais concretamente, é relevante, tendo em conta a temática deste trabalho, estar atento se nos modelos referenciados na literatura, a ida para o terreno é usualmente considerada como um dos fatores de avaliação da qualidade do jornalismo praticado.

As classificações a seguir expostas são dadas tanto por académicos como por profissionais do meio do jornalismo que, respetivamente, através de estudos e de prática diária, conseguem fornecer as suas perceções e conclusões acerca desta temática. É importante conciliar as perspetivas de ambos os grupos uma vez que “os profissionais criam o jornalismo e os académicos estudam esse jornalismo. Contudo, não são grupos que se auto excluem e ambos têm contribuído para a interação e a constatação de observações sobre a qualidade no jornalismo.” (Vehkoo, 2010, p.4).

O estudo sobre os fatores que constituem um jornalismo de qualidade ainda é um desafio nos dias de hoje, sendo composto por alguma ambiguidade. Tal acontece porque “existe uma dificuldade para medir a qualidade do jornalismo praticado pela ausência de uma maneira objetiva de proceder.” (Bogart, 2004). Por sua vez, Vehkoo (2010) afirma que “à primeira vista, a qualidade do jornalismo parece ser algo muito subjetivo, dependendo dos próprios interesses, conhecimentos e preferências, até da política.”

Não existem por isso critérios universais que determinem ou regulem o que se compreende por jornalismo de qualidade. Logo, o juízo sobre o termo está relacionado com contextos como os socioeconómicos e educacionais. Isto quer dizer que o conceito do que é jornalismo de qualidade vai mudando de região em região, de país em país e de tempo em tempo.

No entanto e apesar das dificuldades assumidas na definição do que é considerado jornalismo de qualidade, há algo que é consensual e que se trata da importância de se tentar sempre distinguir o que é considerado jornalismo de qualidade ou não, dada o enorme impacto que as informações divulgadas têm na sociedade e principalmente o efeito prejudicial que a divulgação de informações incorretas ou incompletas pode ter na massa populacional.

Ainda que existam problemas de definição sobre o que é ou não considerado jornalismo de qualidade, os jornais de qualidade são reconhecidos como elementos fundamentais e de influência sobre aspetos sociais, políticos e culturais nas democracias. (Vehkoo, 2010).

Nas perspetivas académicas, são vários os autores que se têm debruçado sobre o estudo destas temáticas. Um desses exemplos é o de Merrill (1968) que através da sua observação concluiu que se destacavam como indicadores de qualidade no jornalismo praticado a “liberdade; a preocupação social; a ausência de sensacionalismo; a equipa de trabalho diversificada; o desejo de ajudar a expandir a audiência instruída e o desejo de influenciar líderes de opinião”. Pelos fatores atrás expostos conclui-se que no âmbito desta classificação, a ida para o terreno não é considerada um fator determinante na qualidade do jornalismo praticado.

Já os autores Shapiro et al. (2006), concluíram que a qualidade jornalística pode ser espelhada pelos seguintes fatores: “precisão; imparcialidade; empresa jornalística; as fontes e os conteúdos das histórias.” Consideram ainda que quando a qualidade do jornalismo praticado é abundante, esta irá certamente fazer notar-se. Estes critérios são partilhados por outros autores como é o caso de Traquina (2005) que os considera como integrantes dos valores notícia e dos critérios de seleção do jornalismo. Shapiro et al. (2006) desenvolveram de uma forma mais profunda este estudo, recolhendo perceções através de entrevistas feitas a vários júris de prémios jornalísticos, que são normalmente distinguidos como os melhores trabalhos jornalísticos produzidos. Após essa análise, concluíram que os oito critérios que mais se evidenciam na qualidade de um bom jornalismo são “a qualidade da escrita, (incluindo a técnica de contar histórias); a profundidade de investigação e o rigor da reportagem; a evidência de integridade (equidade, equilíbrio ou independência); a relevância social (benefício público ou impacto); a história; a originalidade do assunto; a qualidade da análise; a atenção ao contexto e a clareza da história.” (Shapiro et al., 2006). Nestes oito critérios, aquele que melhor comporta a importância da ida para o terreno como integrante da qualidade jornalística é “a profundidade de investigação e o rigor da reportagem”.

Ainda no campo dos estudos académicos, há um estudo de Mcquail, (2013) sobre o tema que concluiu que os principais requisitos da qualidade da informação são “1) os media proporcionarem uma oferta abrangente de notícias relevantes e de informações gerais sobre

eventos na sociedade e no mundo ao redor dela; 2) as informações serem objetivas, no sentido de serem factuais na sua forma, precisas, honestas, suficientemente completas e verdadeiras em relação à realidade e confiáveis, no sentido de serem verificáveis nos factos de opinião; e 3) as informações serem equilibradas e justas, relatando perspectivas e interpretações alternativas de forma não sensacionalista e imparcial, na medida do possível”. (Mcquail, 2013, p. 192). Pela citação atrás, é possível constatar que para este autor a ida para o terreno não se constitui como essencial na qualidade do jornalismo praticado.

Um outro contributo, dado por Schulz (2000), adota alguns dos parâmetros citados por McQuail (1992), e amplia a discussão elencando duas condições mínimas que determinam a qualidade jornalística numa sociedade democrática - “em primeiro lugar as pesquisas de campo, que exigem recursos financeiros e tecnológicos para investigações aprofundadas que facilitam ou não a ação dos jornalistas e em segundo lugar as regras/normas legais e políticas que garantem liberdade e proteção ao jornalismo, embora não baste ao país ser democrático para transferir qualidade ao jornalismo”. (Schulz, 2000). Na perspectiva deste autor fica bem claro que a ida para o terreno tem um lugar de destaque na qualidade do jornalismo praticado através do parâmetro “pesquisas de campo”. Falar de qualidade para Schulz (2000) implica ainda, automaticamente, falar sobre definição de critérios ou padrões, sendo que os critérios para o jornalismo de qualidade estão muito conectados com valores básicos de liberdade, sociedade democrática, igualdade, segurança social e ordem. (Schulz, 2000).

Picard (2004), apresenta uma definição que vai em sentido contrário, ou seja, considera mais importante definir-se o que não é jornalismo de qualidade ficando dessa forma considerado como jornalismo de qualidade o que não se enquadrar nesta classificação, “a única forma de mensurar a qualidade é julgando a atividade jornalística.” (Picard, 2004). Para ele, o conceito de jornal de qualidade é “amorfo e problemático. (...) Quando solicitados a defini-lo, jornalistas e outros têm dificuldade em articular os seus elementos. É mais frequentemente exemplificado pela sua ausência e definido em oposição ao comportamento indesejável” (Picard, 2004).

No mesmo estudo, Santos & Guazina (2019) defendem que as definições de qualidade jornalística vão ao encontro de conceitos como “verdade, justiça e integridade – que podem ser elementos de qualidade – e das regras explícitas pelos códigos de conduta que determinam os comportamentos aceitáveis ou não.” (Santos & Guazina, 2019, p.37)

Agora no campo dos estudos feitos a profissionais do meio jornalístico destaca-se um estudo de Bogart (1991) que se baseou num inquérito feito a 746 jornalistas da American Society of Newspaper. Foi lhes perguntado quais consideravam ser os critérios de qualidade editorial. Na sua maioria as respostas incidiram sobre os critérios de precisão, imparcialidade, investigação e existência de pessoal especializado. Neste estudo, a ida para o terreno está materializada no critério da ‘investigação’.

A definição do que é considerado jornalismo de qualidade também é relevante para se balizarem corretamente as formas de jornalismo credíveis e as que nem tanto o são. Dessa forma, classifica-se objetivamente o que deve ser considerado jornalismo credível e o que deve ser descartado por não ser considerado como tal,

A importância de algumas regras para a qualidade do jornalismo fica mais clara quando se observam as fronteiras do jornalismo, onde os *media* lucram com violações à margem da norma, tais como os conteúdos comerciais em rádio e TV. Por serem comportamentos quase inevitáveis, obviamente os órgãos de comunicação social exploram as suas liberdades e os seus privilégios com fins comerciais. Como contrapeso, são essenciais as críticas públicas e as punições legais. (Santos & Guazina, 2019, p.37).

Como já ficou claro, há dificuldades em todo este processo de definição da qualidade do jornalismo produzido. Picard (2004) questiona sobre a quantidade e os tipos de conteúdos apresentados e o quanto o material produzido pelo próprio jornal ou por outros influencia a sua qualidade. Segundo o autor,

A maior parte do conteúdo dos jornais americanos não é editorial, mas de publicidade, que chega a atingir 60% das edições. Além disso, a maior parte dos conteúdos classificados como sendo “editoriais” não podem ser classificados como notícia. Pelo menos três quartos dos materiais são compostos por seções que não são puramente noticiosas e são compostos por conteúdos produzidos por terceiros. (Picard, 2004).

Para além de definir e caracterizar os fatores que compõem um jornalismo de qualidade, é importante entender que há várias perspectivas de encarar a qualidade no jornalismo. E essas várias perspectivas vão originar diferentes fatores que classificam o que é considerado jornalismo de qualidade. Segundo os autores Pinto & Marinho (2003), existem três interpretações diferentes para o conceito de qualidade do jornalismo que dão origem a três modelos de análise diferentes. São eles, a) A qualidade como uma característica da organização e do produto; b) A qualidade entendida enquanto serviço público e c) A qualidade vista como um investimento estratégico.

Analisando cada uma destas formas que classificam a qualidade do jornalismo:

-A qualidade como uma característica da organização e do produto. Nesta perspectiva, o conceito de qualidade é utilizado tendo em vista “uma maior eficiência e eficácia organizacional, se possível quantificada, medida, controlada e avaliada.” (Pinto & Marinho, 2003, p.4). Nesta perspectiva, a qualidade é vista como a atribuição de valor ao tempo e ao dinheiro gastos pelos ‘consumidores’ para ‘aceder e utilizar um produto ou serviço’. (Picard, s/d). As empresas e os jornalistas devem procurar a satisfação do consumidor, já que disso dependerá a sua confiança e a fidelidade ao produto ou serviço que fornecem, em detrimento de produtos concorrentes. Embora reconhecendo a especificidade da atividade jornalística, este tipo de abordagem admite como possível e até desejável estabelecer atributos de qualidade e avaliar e medir o grau de concretização de tais atributos. No terreno jornalístico, pode avaliar-se, por exemplo, os processos de trabalho, medindo as atividades necessárias para concretizar a procura, recolha, edição e difusão da informação e o tempo despendido com diferentes tipo de atividades. Assim, por exemplo, Picard (s/d) propõe que se avalie: o tempo gasto em entrevistas, a obtenção de informação por telefone, a ida a eventos que servirão para escrever notícias, a frequência de reuniões, os debates e a formação no quadro da redação, a busca e a organização de material e as viagens para e de locais onde a informação é recolhida. Uma outra modalidade de “medição” da qualidade passa por procurar aplicar modelos ISO (International Standards Organization) nas empresas jornalísticas, avaliando a relação entre as necessidades do cliente, as características e especificações do produto e a produtividade e competitividade.

-Como segundo fator, temos a qualidade entendida enquanto serviço público. O objetivo do jornalismo e dos jornalistas é o de prestar um serviço dirigido a cidadãos (e não consumidores), para quem é importante ter acesso a informação credível sobre acontecimentos relevantes sobre a vida pública (não personalizados) - as “*hard news*” - de maneira a melhorarem e desenvolverem a sua capacidade de compreenderem e agirem sobre o espaço público (Patterson, 2000). De acordo com este modelo, a ‘medição’ da qualidade está associada aos

temas abordados, à linguagem utilizada pelos jornalistas e, também à capacidade dos cidadãos de intervirem na vida pública. (Patterson, 2000).

-Finalmente como terceiro fator temos a qualidade vista como um investimento estratégico. Em tempos recentes, têm surgido diversas propostas que procuram articular dimensões aparentemente antagónicas e inconciliáveis, como sejam a ideia de qualidade e a ideia de negócio. Ou seja, procuram pôr em evidência que “a qualidade vende” ou, pelo menos, pode ser, a médio prazo, um investimento que compensa. Neste terreno, um dos trabalhos mais significativos tem sido o de Philip Meyer e do seu “The Quality Project – Measuring Quality Journalism”, na Universidade da Carolina do Norte, nos EUA. Ao contrário do que possa parecer, este pioneiro do chamado “jornalismo de investigação” não se preocupa tanto com a dimensão micro da empresa nem com os seus processos de funcionamento, mas antes com os resultados globais do ponto de vista económico-financeiro, que podem ser obtidos mediante a aposta num jornalismo sério e exigente. Para este autor, “o bom jornalismo sempre foi o produto de uma tensão entre a procura do lucro e o assumir de uma responsabilidade social”. (Pinto & Marinho, 2003, p.6). A hipótese de trabalho em torno da qual o projeto se articula enuncia-se deste modo:

O investimento num jornalismo de qualidade é fator de credibilidade; esta, por sua vez, irá refletir-se, por um lado, na compra e assinaturas, e por outro na imagem de respeitabilidade e influência ao nível da sociedade global; por uma e outra via – ou seja, pelo lado económico e pela dimensão simbólica – será inevitável que se vejam reflexos no lucro, o que permitirá o re-investimento na qualidade. Uma questão-chave é, aqui, o tempo: um processo destes não permite obter resultados imediatos. (Pinto & Marinho, 2003, p.6).

Como conclusão, e fazendo uso de estudos europeus e americanos, a proposta é que para existir qualidade no jornalismo, deve-se ter em atenção certos requisitos essenciais que andam em torno dos vários fatores abordados neste capítulo. No entanto, é importante manter em mente que não existe um conceito único definido sobre o que é considerado jornalismo de qualidade e sobre quais os fatores que o compõem.

## CAPÍTULO IV: CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

Feito o devido enquadramento teórico sobre o trabalho em questão, importa agora contextualizar e fazer uma breve passagem pela SIC, local onde o estágio se desenvolveu ao longo dos três meses e que serviu de base para a análise do tema aqui estudado. Tendo como ponto de partida as diversas informações presentes no site da SIC e no site do grupo Impresa, caracterizo de seguida a empresa onde o estágio se desenvolveu.

A SIC foi o primeiro canal privado a surgir em Portugal. Foi criado a 6 de outubro de 1992. O início da emissão foi dado por Alberta Marques Fernandes, às 16h30 desse mesmo dia. E desde então nunca mais o panorama televisivo nacional foi o mesmo. Primeiro de tudo, porque este momento marcava o fim da RTP como único canal de televisão em Portugal, pesado ainda mais por ser o canal estatal. Segundo, porque efetivamente a SIC veio marcar a diferença no panorama televisivo nacional através da imagem e conteúdos que criou junto dos telespectadores portugueses – a de um canal com qualidade, rigor, inovação, diferença e proximidade. A SIC apostou desde logo numa grelha diversificada em informação, reportagem, documentário, infantis, juvenis, séries, comédias, cinema e entretenimento popular. (Lopes, 1995 citado em Santos, 2010). O surgimento da SIC foi assim um enorme contributo para a pluralidade e independência da informação em Portugal e veio pôr fim aos 35 anos de monopólio televisivo da RTP.

A estação atingia a liderança do mercado três anos após o seu arranque, com 41.4% de share (Santos, 2010, pág. 92). De notar que a SIC era a líder de mercado mesmo depois de já ter surgido a TVI, em 1993. A liderança da SIC só chegou ao fim na viragem do século, com a compra do formato do Big Brother à Endemol, por parte da TVI. De salientar que os direitos do programa foram propostos por Piet Hein-Baker, da Endemol, à SIC, mas Emídio Rangel não o quis. Posição contrária teve José Eduardo Moniz, que à frente da TVI, aceitou o programa na hora. Este foi o primeiro Reality Show da televisão portuguesa. Estreou em setembro de 2000 e foi o ponto de viragem para a ascensão do canal de Queluz de Baixo, que acabou mesmo por ultrapassar a SIC. (Lopes, 2012).

A TVI esteve na liderança 19 anos, até ao ano de 2019. Este é o ano em que a reviravolta se dá e em que a SIC volta finalmente à liderança das audiências ao fim deste longo período. Para esta viragem contribuíram essencialmente três fatores: a mudança da direção geral da SIC que se materializou numa mudança de grelha e em novos rumos para o canal, a mudança das instalações de Carnaxide para Paço de Arcos e a mediática contratação de Cristina Ferreira.

Tudo isto ocorreu entre o ano de 2018 e o ano de 2019. E desde então a SIC não parou de ganhar e de liderar as audiências. Atualmente, a concorrência entre a SIC e a TVI está mais equilibrada uma vez que está agora a TVI num grande período de ascensão. É possível constatar que se vivem tempos de elevada competitividade televisiva, onde no meio disto tudo, quem mais ganha com melhores conteúdos são os telespectadores.

Analisando em maior detalhe a história da SIC, e começando pela sua fundação, a SIC surgiu já no seguimento da existência do grupo Impresa, que foi fundado em 1973, com o lançamento da primeira edição do semanário Expresso. Em março de 1991, o capital social da Controljornal, atualmente Impresa Publishing, foi aberto a investidores externos existindo uma concorrência à atribuição de licenças para a criação do primeiro canal privado da televisão portuguesa. Passados alguns anos, mais concretamente em 1999, o Grupo Impresa já detinha 51% do capital da SIC. Em 2000, a Impresa foi admitida na bolsa de valores de Lisboa. No final do ano de 2005, adquire 100% do capital da SIC. (Silveira, 2018, p.16).

Em 2007, surgiu a Impresa Digital, que veio potenciar a participação da SIC e do Grupo Impresa na Internet e nas novas plataformas tecnológicas de forma a afirmar-se no mundo das novas tecnologias. Em 2008, o Grupo Impresa tornou-se um dos maiores editores de jornais e revistas, acabando o ano com mais de 30 publicações. Em 2015, torna-se o maior grupo de comunicação social em Portugal, com uma faturação de 230 milhões de euros. Em 2016, Francisco Pinto Balsemão nomeia o filho, Francisco Pedro Pinto Balsemão, para o cargo de CEO do Grupo. Com a nova liderança, a aposta no digital acentua-se, nascendo uma nova plataforma online, que agrupa todas as ofertas criativas do grupo. Em 2017, o Grupo Impresa decide reforçar a venda de conteúdos no mercado internacional. Para isso, é lançado um site em inglês ([www.contentdistribution.sic.pt](http://www.contentdistribution.sic.pt)) que disponibiliza a compra de programas produzidos e emitidos no universo da SIC, para o resto do mundo. Este ano é também marcado pela criação do Smack, uma plataforma inteiramente digital que produz conteúdos tendo como alvo preferencial a geração Millennial. O investimento no Facebook e no Instagram torna-se também um foco importante devido à grande migração das audiências para os meios digitais. A presença nas redes sociais, além de uma maior e mais facilitada exposição, proporciona também um retorno financeiro significativo. Este ano é assinalado pela venda da quase totalidade das publicações em papel do grupo, que inclui treze das suas catorze revistas e jornais: Activa, Caras, Caras Decoração, Courier, Exame, Exame Informática, Jornal de Letras, Telenovelas, TV Mais, Visão, Visão História e Visão Júnior. De acordo com as informações cedidas num comunicado da empresa disponível no site oficial do grupo, esta alienação “foi realizada no seguimento da concretização do Plano Estratégico para triénio 2017-2019, e do

reposicionamento da atividade da Impresa, com um enfoque primordialmente nas componentes do audiovisual e do digital”. Atualmente, o Grupo Impresa, Sociedade Gestora de Participações Sociais, S.A., é considerado um dos maiores grupos de comunicação social em Portugal. O grupo detém participações em diversos segmentos de negócios na área da comunicação social, sendo os principais nos setores de publishing, televisão e digital. (Silveira, 2018, p.18).

O seu portefólio é composto por dezanove marcas. Na televisão, o “universo SIC”, é composto pelo canal fundador generalista e por seis canais temáticos. Foi cinco anos após a fundação, que foi lançado o primeiro canal temático. E na viragem do século, o canal voltou a fazer história com a criação do primeiro canal português dedicado exclusivamente à informação, a SIC Notícias. O objetivo da estação televisiva generalista é chegar a todos os tipos de público, daí a aposta permanente em canais temáticos, cada um com diferentes públicos-alvo. Esta orientação permitiu ir ao encontro das diferentes necessidades e procura dos telespectadores. O Grupo Impresa é composto ainda por empresas e instituições, como a SIC Esperança - instituição solidária reconhecida como IPSS<sup>10</sup>, a InfoPortugal, a GMTS ou o Atelier Impresa. Este ano a SIC celebra já uns maduros 29 anos.

De seguida apresenta-se um cronograma síntese, elaborado com base nas informações disponíveis no site do grupo, onde estão representados os momentos mais marcantes da história da SIC desde a sua fundação.

**1992** – Início das emissões da SIC.

**1995** – A SIC ultrapassa pela primeira as audiências da RTP.

**1997** – Nasceu o primeiro canal temático, a SIC Internacional.

**1998** – Criação da SIC Filmes.

**2000** – Início das transmissões SIC Gold.

**2001** – Foram criados mais dois canais temáticos: a SIC Notícias e a SIC Radical. A SIC marca também nesse ano, a sua presença no mundo digital com a criação da SIC Online.

**2003** – A SIC aproveita o Dia Internacional da Mulher para fazer a primeira emissão da SIC Mulher. Neste ano o canal dá também a conhecer o seu projeto de solidariedade social, a SIC Esperança.

**2004** – Surge a SIC Comédia para substituir a SIC Gold, mas também acabou por terminar as suas emissões em 2006.

**2007** – Implementação da Bloom Graphics com o objetivo de otimizar a capacidade de resposta à produção do grafismo da estação.

---

<sup>10</sup> Instituição Particular de Solidariedade Social

**2009** – A pensar nos mais novos, nasce a SIC K.

**2010** – Pela primeira vez é estabelecido uma parceria com a Rede Globo para a coprodução de telenovelas em português. Um marco importante não só para a estação, mas também para a ficção nacional.

**2011** – A primeira produção entre a SIC e a Rede Globo - a novela Laços de Sangue - ganhou um prémio internacional para melhor telenovela nos 39th International Emmy Awards.

**2013** – A SIC lança um novo canal temático, a SIC Caras.

**2016** – A SIC torna-se a primeira televisão portuguesa a disponibilizar todos os seus canais em HD.

**2017** – A SIC celebra o seu 25º aniversário, que ficou marcado pela Digressão SIC de TODOS. Para além disso, a aposta na SIC Internacional África foi um fator decisivo para o robustecimento da SIC como referência nos mercados de língua portuguesa.

**2018** – O grupo Impresa vende as suas publicações Activa, Caras, Caras Decoração, Courier Internacional, Exame, Exame Informática, Jornal de Letras, Telenovelas, TV Mais, Visão, Visão História e Visão Júnior à sociedade Trust in News.

**2019** - A 28 de janeiro o portefólio da Impresa alarga-se: Volante SIC é a marca de informação automóvel mais completa do mercado nacional e que dá a conhecer as novidades do mercado e as notícias relevantes sobre o setor. A 6 de fevereiro, é concluído o processo de centralização de todas as marcas e colaboradores do grupo num só espaço: o Edifício IMPRESA, em Paço de Arcos.

**2020** - A 7 de julho, com o objetivo claro de prestar um serviço à medida das empresas, nasce o Atelier IMPRESA, que desenvolve estratégias de comunicação assentes em conteúdos criativos. A 24 de novembro nasce uma nova forma de ver a SIC: OPTO. Sempre pioneira, a IMPRESA diversifica o seu portefólio de marcas e aposta numa plataforma de streaming, com um serviço pago e conteúdos exclusivos. A 18 de dezembro nasce uma nova marca do universo SIC, a ADVNCE, em multi-formatos e com o objetivo de agregar e amplificar a comunidade nacional do E-Sports e Gaming.

## CAPÍTULO V: A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA SIC

O estágio na SIC foi feito integralmente na redação de informação de forma totalmente presencial e ocupou exatamente três meses – de 12 de abril a 9 de julho de 2021. Os três meses foram passados na sua totalidade na equipa do Primeiro Jornal, pontualmente intercalados no programa da Opinião Pública. Tal ocorreu na semana de 26 a 30 de abril, em que recebi toda a formação sobre o programa. Para além disso, estive encarregue do formato nos dias 11, 18 e 21 de junho e nos dias 2 e 5 de julho. Como também já é habitual entre os estagiários, fiz dois fins de semana durante todo o período de estágio.

O tempo do estágio foi ocupado de forma diversa. Logo no primeiro dia, após uma rápida passagem pela redação da SIC, seguiu-se uma resumida formação sobre o funcionamento base do Primeiro Jornal e dos programas técnicos usados para a produção do trabalho jornalístico. São eles o ENPS e o Proxy. Nos primeiros dias acompanhei jornalistas de diferentes equipas e editorias para observar e entender como era feito o trabalho numa saída para o terreno. Muito rapidamente comecei a sair autonomamente para o exterior, juntamente com o repórter de imagem e aí já tinha autonomia para fazer eu as peças quando chegava à redação. Foi na segunda semana do estágio que tal aconteceu pela primeira vez. O trabalho na equipa do Primeiro Jornal consistia a maior parte das vezes em saídas da parte da manhã para recolher as imagens e fazer as entrevistas às pessoas envolvidas no tema em questão. Quando chegava à redação, começava por escrever o esqueleto da peça no ENPS – tanto a voz-off como o texto pivô. Também cortava os vivos das entrevistas que tinha feito e que pretendia seleccionar para a peça. Com o passar do tempo e ao ganhar experiência, percebi que nesta fase do trabalho era uma mais-valia escrever já as frases e os oráculos. Este conteúdo era posteriormente revisto pelas *Line Producers* antes de ir para o ar. Após esta montagem da peça, o objetivo era conseguir que algum jornalista não estagiário lesse o texto, uma vez que os estagiários não estão autorizados a fazê-lo. Por norma eram sempre sugeridas alterações ao texto por esses jornalistas, até porque a pessoa que o lê adapta o texto ao seu estilo de leitura. Após este processo estar concluído, dirigia-me a uma das salas de edição de imagem onde estava um editor pronto a fazer o melhor match possível entre as imagens recolhidas pelo repórter de imagem e o texto da peça que eu tinha desenvolvido. O objetivo era criar um conteúdo coeso e bem feito do ponto de vista técnico e visual. O trabalho fica pronto nesta fase, sendo que a partir daqui está disponível no sistema para ser posto no ar.

Pela minha experiência e do que observava à minha volta, pelo menos na equipa do Primeiro Jornal, como por norma as saídas são feitas na manhã da execução do trabalho, o tempo para o

produzir é escasso e por isso mesmo usualmente a peça só ficava pronta muito próximo do seu horário de ir para o ar. Por isso mesmo, os ajustes no alinhamento do Primeiro Jornal eram uma constante e importava fazer uma gestão tendo em conta os conteúdos que iam ficando prontos e aqueles que ainda estavam inacabados, mas a serem finalizados. É por isso um tipo de trabalho com algum stress associado. Obviamente que estes ajustes não podiam tirar a coerência dos conteúdos que iam sendo transmitidos no Primeiro Jornal e esse era um desafio para o coordenador. Isto porque por norma o Primeiro Jornal era agrupado por secções de notícias: ora sobre economia, ora sobre saúde, ora sobre crime e justiça, ora sobre desporto, ora sobre cultura, etc.

Regressando aos métodos de trabalho diários, nem todos os dias existiam saídas para o terreno. Ainda assim, podia haver algum trabalho alocado e nesse caso a peça era produzida com base em informações e imagens já em sistema, seja por meio de agências nacionais, internacionais ou outro meio. Também poderia ser o caso de ser uma peça com conteúdo gravado online, situação que durante a pandemia se tornou mais frequente. Fiz vários trabalhos nesses moldes. Para além da produção de peças, por vezes os trabalhos eram de outra natureza – desde *Talking-Heads (THs)* ou *OFFs*. *TH* é quando se corta uma parte do discurso de alguém com relevância suficiente para que essa citação seja por si só uma notícia a ir para o ar, juntamente com o discurso introdutório feito pelo pivô. Por sua vez, o *OFF* é quando não existe a produção nem a sonorização de nenhum texto a acompanhar as imagens que vão para o ar, nem existem entrevistados na peça. Nesse caso, o pivô lê informação relevante que acompanha e contextualiza as imagens que vão sendo mostradas. Ao longo do estágio, produzi um *TH* e três *OFFs*.

Podia ainda dar-se o caso de não haver nenhum trabalho atribuído. Quando tal aconteceu, o coordenador sugeriu que eu consultasse alguns jornais (online ou em papel) e que eu propusesse temas pertinentes sobre os quais pudesse haver interesse em fazer uma peça para o Primeiro Jornal. Tal situação ainda aconteceu algumas vezes. Para além desta opção, uma outra era colaborar com as edições da SIC Notícias que estavam no ar. Se tal fosse pertinente e bem visto pelo coordenador de momento, eu podia produzir conteúdos a serem usados nessas edições. Em pontuais situações, também produzi trabalhos dessa natureza.

O período do estágio, também engloba trabalho ao fim de semana. Neste caso estive presente em dois fins de semana, um no mês de maio e outro no mês de junho. Ao fim de semana, há uma equipa escalonada semanalmente com um horário definido, e que vai variando, sendo essa equipa responsável por cobrir todo o trabalho jornalístico que ocorre durante esse fim de semana. Há por isso menos gente na redação que durante a semana e o ritmo e intensidade de

trabalho na redação também é diferente. No primeiro fim semana, produzir um *OFF* e acompanhei a mesma jornalista nos dois dias do fim de semana para trabalhos no exterior. No segundo fim de semana, o cenário já foi diferente, sendo que no sábado produzi uma peça com base em conteúdo disponibilizado por uma agência internacional e no domingo, não me foi alocado nenhum trabalho específico.

Relativamente às tarefas que os estagiários não fazem, trata-se da sonorização das peças, fazer diretos e não aparecer a sua imagem em nenhuma peça jornalística.

De seguida encontram-se devidamente identificados os principais trabalhos que desenvolvi durante os três meses de estágio.

20 abril – peça sobre a reabertura dos espaços interiores de cafés e pastelarias – Local: Campo de Ourique.

21 abril – ação da greve climática estudantil – durante a manhã: entrevista online a uma das manifestantes e durante a tarde: ida ao aeroporto de lisboa, local onde a manifestação se iria realizar – a peça não foi para o ar devido a problemas legais com a Polícia e a Segurança no Aeroporto.

22 abril – início da formação no Programa da Opinião Pública.

Semana de 26 a 30 de abril – inteiramente dedicada a acompanhar diariamente o Programa da Opinião Pública.

3 de maio – saída ao Parque da Bela Vista para substituição de uma colega na produção de uma peça sobre uma iniciativa ambiental da Câmara de Lisboa.

4 de maio – peça sobre o estado do comércio local em relação à pandemia – Local: Algés.

5 de maio – peça sobre a identificação do autor de um homicídio ocorrido em fevereiro no parque José Gomes Ferreira – substituição de uma colega jornalista – Local: instalações da PJ.

10 de maio – não havia trabalho alocado por isso fiz pesquisa sobre temas para sugerir. Dos vários que sugeri, acabei por fazer um *OFF* sobre um leopardo desaparecido de um parque na China.

12, 13, 14 e 17 de maio – preparação da peça que incidiu sobre uma outra sugestão que tinha dado ao coordenador do Primeiro Jornal – Tema: alimentação humana à base de insetos – todo o trabalho foi preparado e feito à distância.

18 de maio – elaboração de uma peça sobre uma ação de denúncia da CURPI por parte de duas trabalhadoras – Local: São João da Talha.

21 de maio – elaboração de uma peça sobre a greve dos trabalhadores do armazém do Minipreço – Local: Vialonga.

Fim de semana: 22 de maio – fiz um *OFF* e acompanhei uma jornalista a uma manifestação da greve climática estudantil, novamente junto ao Aeroporto de Lisboa.

Fim de semana: 23 de maio – acompanhei a mesma jornalista até ao jardim do Campo Grande no âmbito da apresentação da candidatura da Iniciativa Liberal às Eleições Autárquicas.

25 de maio – elaboração de uma peça sobre a testagem da Covid 19 nas escolas profissionais em Lisboa – Local: escola Magestil.

31 de maio – elaboração de uma peça sobre a greve dos Call Centers em frente ao Ministério do Trabalho.

2 e 3 de junho – elaboração de uma peça sobre a Feira de Cascais.

9 e 11 de junho – produção do programa Opinião Pública.

Fim de semana: 12 de junho – elaboração de uma peça sobre a menção honrosa atribuída nos prémios Pulitzer.

Fim de semana: 13 de junho – não me foi alocado nenhum trabalho em específico.

18 de junho – estive responsável pelo programa da Opinião Pública.

21 de junho – estive responsável pelo programa da Opinião Pública.

24 de junho – elaborei um *TH* com base num discurso de Angela Merkel.

29 de junho – readaptei uma peça sobre o consumo de insetos na alimentação humana.

1 de julho – elaborei uma peça sobre uma manifestação de trabalhadores de várias empresas que operam na indústria automóvel – Local: Belém.

2 de julho – estive responsável pelo programa Opinião Pública.

5 de julho – estive responsável pelo programa Opinião Pública.

6 de julho – elaborei uma peça sobre a concentração de trabalhadores da CP+IP – Local: Jardim junto à estação de Santos.

7, 8 e 9 de julho – preparei uma peça sobre o tempo que os portugueses passam ligados aos ecrãs com base num estudo publicado pela Nielsen.

Em resumo, ao longo do estágio desenvolvi dezasseis trabalhos, sendo que em doze deles fui realizar o trabalho para o terreno. Os outros quatro trabalhos em que tal não aconteceu disseram respeito a um *TH* e a três *OFFs* produzidos.

## **CAPÍTULO VI: A IDA PARA O TERRENO COMO FATOR DETERMINANTE NA QUALIDADE DO JORNALISMO PRATICADO NA SIC**

### **6.1. Opções metodológicas**

O grande foco deste trabalho é perceber até que ponto o jornalismo no terreno é um fator diferenciador na qualidade do jornalismo praticado no Primeiro Jornal da SIC. Para melhor responder a este objetivo, no decurso deste trabalho foram usados métodos quantitativos (como é o caso da análise de conteúdo) e métodos qualitativos (como entrevistas e observação participante). A análise documental foi também um método usado na elaboração deste trabalho. A seguir serão detalhados todos estes métodos que foram usados.

#### Análise documental

Segundo os autores Almeida & Pinto (1995), “as técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela atividade de pesquisa”. Daí surgiu a necessidade de ter uma base teórica e documental para dar forma e bases à minha investigação, o que me fez recorrer ao método de análise documental. No meu trabalho, a análise documental é materializada na revisão de literatura efetuada.

#### Análise de conteúdo

A análise de conteúdo é uma técnica inserida na metodologia das ciências sociais, com importância particular na aplicação a estudos da área da comunicação, da sociologia, da ciência política, da psicologia, entre outras. A noção mais reconhecida deste tipo de análise é a de Berelson (1952), na sua obra de referência *Content Analysis in Communication Research*, em que sistematiza o conceito: “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que procura uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto a comunicação” (Berelson, 1952, p. 18).

A análise de conteúdo usada neste trabalho revela-se um método bastante pertinente uma vez que a base empírica de elaboração deste trabalho são os vários trabalhos jornalísticos que desenvolvi ao longo do estágio. Assim, analisar e caracterizar todo este material torna-se

relevante para poder entender e dar resposta a algumas das questões que se levantam neste estudo.

Neste trabalho, a análise de conteúdo compreende a caracterização das peças que foram produzidas com a ida para o terreno. Esta caracterização é feita tendo em vista vários parâmetros, nomeadamente: qual o tema da peça em análise, o local em que a mesma foi desenvolvida, o número de entrevistados envolvidos, a duração da peça, a hora em que passou no Primeiro Jornal, e que informação tinha antes da ida para o terreno e que informação recolhi na ida para o terreno. Através desta análise será possível avaliar para cada peça até que ponto a ida para o terreno se mostrou relevante do ponto de vista do valor jornalístico adquirido.

### Observação-participante

“A característica diferencial da observação participante, em relação às outras técnicas, consiste na inserção do observador no grupo observado, o que permite uma análise global e intensiva do objeto de estudo” (Almeida & Pinto, 1995, p.105).

Tendo em conta a ideia acima exposta, e tendo eu passado três meses na redação de informação da SIC, em contacto direto com toda a dimensão que envolve uma redação, era lógico e pertinente a escolha da observação participante como um dos métodos a usar nesta investigação. Os dados observáveis foram sempre uma constante durante o período de estágio.

“A observação é, portanto, uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar, por outro” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p.157).

Como o próprio nome indica - observação participante – implica o ver e o fazer, e foi isso que tive a oportunidade de experienciar durante o meu período de estágio. Foram três meses onde contactei diretamente com o meio jornalístico, com as mais diversas pessoas, tarefas e cargos, e pude verificar as suas maneiras de trabalhar, as dificuldades que enfrentam e a forma como o trabalho é desenvolvido na redação. Por outro lado, fiz parte deste grupo de jornalistas como membro ativo, onde pude ir para o terreno e produzir o material acerca do qual me foco nesta investigação, e tirar as minhas próprias conclusões.

“A vantagem de ser um observador participante reside na oportunidade de estar disponível para recolher dados ricos e pormenorizados, baseados na observação de contextos naturais. Além disso, o observador pode obter relatos de situações na própria linguagem dos participantes, o que lhe dá acesso aos conceitos que são usados na vida de todos os dias”. (Burgess, 1997, p.86).

## Entrevista

A entrevista revelou-se um método bastante necessário e eficaz ao longo da elaboração do trabalho para complementar e sustentar toda a análise de conteúdo que efetuei e que é a base da análise empírica aqui exposta. O interveniente escolhido para a entrevista, foi o coordenador do Primeiro Jornal da SIC, André Antunes. É uma pessoa que fornece um contributo bastante relevante para a análise desta temática tendo em vista não só a sua experiência e conhecimento no meio, mas também as funções de coordenação que desempenha que afetam diariamente a ida dos jornalistas para o terreno. Assim, o conteúdo extraído da entrevista permite enquadrar a análise empírica desenvolvida, com base na minha experiência do estágio.

A entrevista surge assim “essencialmente como uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspetivas, ou pontos de vista sobre os factos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista” (Farr,1982 in Gaskell & Bauer, 2000, p.65).

O uso da entrevista afasta-nos de um panorama mais impessoal e algo científico e deixa-nos interagir, o que confere à entrevista um grau de subjetividade e garante que nenhuma entrevista seja igual à outra.

“Ao utilizarmos a entrevista, encontramos-nos longe de uma imagem da ciência que emprega procedimentos claramente formalizados e identificáveis” (Ruquoy, 1997, p.85).

Nas ciências sociais, há várias tipologias de entrevistas que se podem aplicar, de acordo com o objetivo a alcançar através das mesmas. Neste caso, a entrevista semidiretiva foi a opção adotada, por não ser “inteiramente aberta, nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas.” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p.194).

Com esta variante, o entrevistador dispõe de questões base mas com margem para alguma abertura e imprevisto, focando-se nas respostas do entrevistado e, assim, ir guiando a entrevista. Há assim um contacto direto entre entrevistador e entrevistado.

Instaura-se assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos

objectivos da investigação e permite que o seu interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade. (Quivy e Campenhoudt, 1992, p.193).

## 6.2. Corpus de Análise

Qualquer investigação inicia-se com uma questão de partida que depois dá origem a outras sub questões. São esses os motores para o desenvolvimento do trabalho e as questões que se querem ver respondidas. Neste caso, a questão de partida que orienta o meu trabalho é:

*Partindo da análise de todos os trabalhos que desenvolvi ao longo dos três meses de estágio com ida para o terreno, em quantos deles é que essa saída permitiu acrescentar informação relevante face àquela que já dispunha antes da ida para o terreno?*

Através desta questão de partida central, surgem outras de maior detalhe como por exemplo, perceber qual é o papel do jornalista e qual é o papel do repórter, qual a relação entre os temas abordados e a ida para o terreno, qual a relação entre a afetação dos meios disponíveis e a ida para o terreno e qual a atribuição feita ao valor do conteúdo audiovisual e ao valor do conteúdo textual. Estas são algumas das questões que me proponho analisar e explorar, através de dados recolhidos e interpretados, sustentados na bibliografia existente e na entrevista feita ao coordenador do Primeiro Jornal da SIC.

Neste estudo, proponho-me a analisar todos os trabalhos por mim desenvolvidos ao longo do estágio, em que fui para o terreno produzir conteúdo jornalístico. Para cada um desses, analiso que informação tinha antes da ida para o terreno e qual a informação que recolhi no terreno. Com base nessa análise concluo se a ida para o terreno trouxe um acréscimo relevante de informação ou não. De forma a não enviesar o resultado sobre a utilidade da ida para o terreno, tenho em conta que o valor da ida para o terreno comporta duas dimensões: o valor da informação textual recolhida e o valor do audiovisual. Por isso mesmo, para cada uma das peças analisadas, ambas as dimensões serão mencionadas na avaliação feita. O valor da informação textual diz respeito ao acréscimo de informação escrita que a ida para o terreno possa proporcionar. O valor audiovisual diz respeito ao acréscimo no conteúdo de vídeo e imagem que a ida para o terreno possa proporcionar. Há ainda no meio destes dois valores um outro aspeto absolutamente essencial na forma de fazer televisão e que se trata da possibilidade de com a ida para o terreno, se dar voz a comuns cidadãos que são relevantes na temática e no acontecimento em questão. Tal situação cria um sentimento de empatia e pertença no telespectador, que é normalmente valorizado.

Na análise a seguir efetuada, o valor da informação textual será o que receberá uma maior atenção uma vez que de entre os dois valores em causa, esse é aquele que está mais relacionado com o trabalho do jornalista, sendo que o valor do audiovisual está normalmente mais ligado ao trabalho do repórter de imagem. Esta necessidade de se abordarem de forma independente ambos os valores jornalísticos tem também a ver com o facto de por norma, com a ida para o terreno existir sempre um acréscimo no valor audiovisual. No entanto, tal recorrência já não acontece com o valor da informação textual. Como veremos a seguir, mediante vários fatores, por vezes existe um maior acréscimo no valor da informação textual que é recolhida no terreno, outras vezes esse acréscimo é menor. Se a análise não fosse feita tendo em conta estes dois valores, primeiro não se estaria a fornecer o detalhe que tal análise requiere e, para além disso, os resultados seriam em várias das vezes enviesados.

### **6.3. Caracterização dos trabalhos desenvolvidos**

Na análise de conteúdo a seguir apresentada, são analisados doze trabalhos que dizem respeito a todos aqueles em que fui ao terreno para produzir uma peça noticiosa. Todos eles foram feitos no âmbito da equipa do Primeiro Jornal, à qual pertenci durante o período de estágio. O período de análise diz respeito ao período de duração do estágio que compreendeu o intervalo entre o dia 12 de abril e o dia 9 de julho. É com base nessa caracterização que depois se poderão tirar conclusões sobre a utilidade da ida para o terreno na produção do trabalho jornalístico, interligando esta análise com a revisão de literatura já efetuada e com a entrevista feita ao coordenador do Primeiro Jornal da SIC.

#### **Trabalho 1 – dia 20 de abril de 2021**

**Tema:** Balanço da reabertura dos espaços interiores de cafés e pastelarias

**Local:** Campo de Ourique

**Número de Entrevistados:** 5

**Duração da peça:** 2min14

**Hora em que foi para o ar:** 13h12

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** apenas dispunha da informação que pesquisei sobre as regras sanitárias naquele momento em vigor e as mudanças recentes que tinham sido feitas, no que aos espaços de restauração dizia respeito

**Informação relevante registada no terreno:** a grande mais-valia da ida para o terreno foi dar conteúdo gráfico e opinativo por parte dos populares que frequentavam os espaços em questão – cafés e pastelarias

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** Tendo em conta o cariz popular em que se insere a peça, a ida para o terreno foi relevante para fornecer um acréscimo de conteúdo face àquele que eu dispunha antes da saída, que dizia respeito aos dados sobre as normas sanitárias em vigor. Sendo que o jornalismo também é dar voz ao povo, e aos intervenientes numa determinada situação, reportando as perceções dos populares envolvidos numa determinada temática, podemos concluir que enquadrado no cariz popular que reveste esta peça, a ida para o terreno proporcionou um acréscimo de informação relevante na produção da peça, tanto no valor audiovisual como no valor da informação textual recolhida.

## **Trabalho 2 – dia 4 de maio de 2021**

**Tema:** Estado do comércio local, em virtude da pandemia da Covid-19

**Local:** Algés

**Número de Entrevistados:** 4

**Duração da peça:** 2min40

**Hora em que foi para o ar:** 14h03

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** apenas dispunha da informação que pesquisei sobre as regras sanitárias naquele momento em vigor e as mudanças recentes que tinham sido feitas, no que aos espaços de lojas de rua diz respeito

**Informação relevante registada no terreno:** a grande mais-valia da ida para o terreno foi dar conteúdo gráfico e opinativo por parte dos vendedores

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** Apesar de nesta peça o tema ser diferente do da peça anterior, ambas apresentam o mesmo ângulo jornalístico, inserido num âmbito popular em que as perceções dos intervenientes locais são determinantes para a construção da peça e para a criação de uma empatia com o telespectador. Por isso mesmo, neste caso, a conclusão é em tudo idêntica à extraída do trabalho anterior: a ida para o terreno foi benéfica quer do ponto de vista do acréscimo no conteúdo audiovisual quer do ponto de vista do acréscimo no conteúdo textual.

### **Trabalho 3 – dia 5 de maio de 2021**

**Tema:** Identificação do autor de um homicídio cometido em fevereiro deste ano no parque José Gomes Ferreira

**Local:** Instalações da Polícia Judiciária

**Número de Entrevistados:** 1

**Duração da peça:** 3min20

**Hora em que foi para o ar:** 14h02

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** uma vez que esta peça não estava originalmente alocada a mim e foi-me dada em cima da hora com carácter de urgência, rapidamente pesquisei sobre o crime em questão em notícias online que foram produzidas na altura em que o crime ocorreu. Para além disso, consultei a informação disponível inserida no sistema da SIC e li o comunicado de imprensa que a Agência Lusa tinha recebido por parte da Polícia Judiciária e que foi posteriormente enviado aos restantes órgãos de comunicação social.

**Informação relevante registada no terreno:** a grande mais-valia da ida para o terreno foi ter conseguido esclarecimentos credíveis e oficiais por parte do Coordenador da Polícia Judiciária encarregue deste caso. Através de algumas questões colocadas, foi possível obter mais detalhes para além dos que estavam disponíveis no comunicado emitido pela Polícia Judiciária de forma transversal para todos os órgãos de comunicação social.

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** Neste caso, a grande mais-valia da ida para o terreno foi dada pelo discurso proferido pelo coordenador da investigação em curso. Neste tipo de situações, é dado uma maior credibilidade à peça quando este tipo de informações são ditas pelo Coordenador da investigação ao invés de serem apresentadas num grafismo. No entanto, de deixar a ressalva que em relação ao conteúdo da informação propriamente em si, o acrescento não foi substancial uma vez que grande parte do que foi dito pelo inspetor da PJ, já estava presente no comunicado enviado à Lusa, sobre este assunto.

### **Trabalho 4 – dia 18 de maio de 2021**

**Tema:** Ação de denúncia por parte de duas trabalhadoras da CURPI

**Local:** São João da Talha – em frente às instalações da CURPI

**Número de Entrevistados:** 4

**Duração da peça:** 3min20

**Hora em que foi para o ar:** 14h02

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** dispunha da informação enviada por parte dos dirigentes sindicais visando defender a posição das trabalhadoras nesta ação de denúncia. Da parte da empresa em questão não dispunha de qualquer tipo de informação.

**Informação relevante registada no terreno:** no terreno tive oportunidade de ouvir de viva-voz as queixas em específico por parte das duas trabalhadoras que estavam a ser particularmente visadas nesta situação. Para além disso, também ouvi e registei a posição por parte da empresa, sobre a qual não tinha ainda nenhuma informação e que neste tipo de assuntos é crucial que fique também registado, tendo em conta a regra do contraditório que opera no jornalismo.

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** Uma vez que neste caso só dispunha do comunicado sindical sobre o assunto em questão, foi relevante a ida para o terreno para recolher a perceção da empresa sobre o assunto e para recolher também a perceção das trabalhadoras sobre o mesmo assunto. Dada a importância de expor as posições das partes em conflito e dado o conteúdo gráfico que se obteve do protesto com a ida para o terreno, concluo que a mesma foi benéfica e acrescentou valor jornalístico.

### **Trabalho 5 – dia 21 de maio de 2021**

**Tema:** Greve dos trabalhadores de armazém do Minipreço

**Local:** Vialonga – instalações do armazém do Minipreço

**Número de Entrevistados:** 3

**Duração da peça:** 2min20

**Hora em que foi para o ar:** 14h06

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** dispunha da informação enviada por parte dos dirigentes sindicais do CESP (Sindicato dos trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços) em que constavam informações sobre o detalhe da greve nomeadamente o local, a hora, o propósito da greve, quem estava a requerer os seus direitos e a situação atual dos trabalhadores no que às condições de trabalho dizia respeito.

**Informação relevante registada no terreno:** no terreno tive oportunidade de ouvir as queixas dos trabalhadores em greve, registar visualmente todo o protesto em si e ouvir ainda a líder da CGTP, Isabel Camarinha.

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** A ida para o terreno foi relevante pois para além de ter permitido registar visualmente a greve que decorria, permitiu detalhar melhor o tipo de reivindicações por parte dos trabalhadores, para além do que estava presente no comunicado enviado. Para além disso, o registo do testemunho da dirigente sindical Isabel Camarinha, mais do que conteúdo relevante, fornece credibilidade ao protesto em questão.

### **Trabalho 6 – dia 27 de maio de 2021**

**Tema:** Testagem das escolas profissionais em Lisboa

**Local:** Instalações da escola MAGESTIL em Lisboa

**Número de Entrevistados:** 4

**Duração da peça:** 2min36

**Hora em que foi para o ar:** 14h04

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** apenas me foi passado o contacto de duas escolas profissionais para contactar no sentido de produzir a peça. Após estabelecer o contacto deparei-me com uma questão pertinente – a minoridade dos jovens presentes que poderiam inviabilizar o contacto e o aparecimento dos mesmos na peça. No entanto esta questão foi ultrapassada pois alguns jovens da escola já tinham mais de 18 anos. Houve ainda outra questão com a qual tive de lidar antes da ida para o terreno: o não agendamento por parte da produção da SIC com as escolas em questão a informar e a autorizar a presença da estação no dia em que a testagem iria ser feita. Este obstáculo foi também ultrapassado com a aceitação por parte da escola, no momento em que tiveram conhecimento da situação. Nesse sentido, e em virtude de uma melhor gestão destas condicionantes e do tempo disponível, optamos por ir apenas a uma escola até porque o material lá recolhido era suficiente. Nesse sentido, antes da ida para o terreno, só dispunha dos nomes das escolas a contactar, tendo em vista a ação da testagem que iria decorrer naquele dia.

**Informação relevante registada no terreno:** pude recolher informações diversas e relevantes por parte da escola sobre o plano de testagem que estava naquele dia em curso assim como

recolher também as percepções dos alunos sobre o processo da testagem. Para além disso, observei e foi filmado o processo que decorreu durante esse dia.

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** relembro que antes da ida para o terreno, só dispunha dos nomes das escolas a contactar, foi extremamente determinante a ida para o terreno não só para presenciar todo o processo envolvido na ação de testagem como também para recolher uma série de informações junto da direção da escola e dos alunos a serem testados nesse dia. Por isso mesmo, neste caso a ida para o terreno foi relevante do ponto de vista do valor jornalístico adquirido.

### **Trabalho 7 – dia 31 de maio de 2021**

**Tema:** Greve de trabalhadores dos Call Centers

**Local:** instalações do MTSSS – Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social

**Número de Entrevistados:** 3

**Duração da peça:** 2min40

**Hora em que foi para o ar:** 14h01

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** dispunha da informação enviada por parte da FECTRANS (Federação dos Sindicatos de Transportes e Comunicações) sobre a ação de protesto por parte dos trabalhadores de Call Centers. Nesse documento estava identificado o local, a hora, as empresas às quais pertenciam os trabalhadores em protesto e as suas principais reivindicações.

**Informação relevante registada no terreno:** tive oportunidade de me informar junto dos dirigentes sindicais e junto dos trabalhadores sobre as reivindicações que estavam a ser feitas, sobre que mudanças queriam ver a acontecer e qual a sua situação profissional atual.

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** a informação recolhida no terreno foi importante pois permitiu particularizar casos específicos da situação em protesto. Para além disso, a informação disponibilizada por parte do sindicato antes da ida para o terreno era pouca. Por isso mesmo, não sabia quais as reivindicações que estavam ali em causa e após conversar com os dirigentes sindicais e com alguns trabalhadores tornou-se claro qual era a posição dos trabalhadores sobre os seus direitos e o que gostariam de ver melhorado face à situação profissional em que se encontravam. Por isso mesmo, neste caso a ida para o terreno foi relevante do ponto de vista do valor jornalístico adquirido.

## **Trabalho 8 – dia 2 e 3 de junho de 2021**

**Tema:** Feira de cascais e Covid-19

**Local:** Recinto da Feira de Cascais

**Número de Entrevistados:** 7

**Duração da peça:** 2min51

**Hora em que foi para o ar:** 13h59

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** sendo esta uma peça de cariz popular e que vive muito das perceções dos populares e daquilo que se encontra no momento em que se está no terreno e das pessoas com quem se fala, não dispunha de informação nenhuma antes da ida para o terreno a não ser qual seria o objetivo central da peça.

**Informação relevante registada no terreno:** tive oportunidade de experienciar todo o movimento e ambiente da Feira, saber quais os procedimentos que estavam a ser adotados relativamente ao Covid, e também tive oportunidade de dialogar com vendedores e compradores. Através destas conversas, pude perceber quais os hábitos de compra e as perceções sobre o tema da Covid-19 no que às feiras dizia respeito.

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** Dado o ângulo da peça e tendo em mente que uma das funções do jornalista enquanto repórter no terreno é vivenciar tudo o que está a acontecer, para posteriormente transmitir ao público, concluo que a ida para o terreno foi importante para a produção da peça. Para além disso, não dispunha de informação nenhuma antes da ida para o terreno. As filmagens de todo o ambiente da Feira, conseguidas na saída, também desempenharam um papel determinante na produção da peça.

## **Trabalho 9 – dia 12, 13, 14 e 17 de maio e 29 de junho de 2021**

**Tema:** Aprovação do consumo de insetos na alimentação humana

**Local:** Entrevistas online feitas na redação da SIC

**Número de Entrevistados:** 1

**Duração da peça:** 1min45

**Hora em que foi para o ar: 13h30**

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** uma vez que este tema partiu de uma sugestão dada por mim ao coordenador do Primeiro Jornal, a informação base que dispunha sobre esta temática, era um artigo publicado no Diário de Notícias. Para além disso, esta peça ocupou um tempo de produção mais longo que o habitual, dada a complexidade da mesma, o seu cariz técnico e científico que envolvia legislação europeia e nacional e também o facto de ter sido posteriormente reformulada e estendida no tempo. De salientar que a primeira versão da peça ficou pronta no mês de maio. No entanto a mesma não foi para o ar nessa altura, ficando a aguardar uma atualização da lei no que ao consumo de insetos dizia respeito e por isso só foi passada em junho. Tal exigiu uma readaptação nessa altura, tendo em conta as novas informações e desenvolvimentos que entretanto tinham ocorrido.

**Informação relevante registada no terreno:** nesta peça, todos os contactos foram feitos via online e por isso mesmo, essa foi a materialização da ida para o terreno neste caso. Estabeleci contactos com um produtor, com a associação da Insect Portugal e com a DGAV (Direção-Geral de Alimentação e Veterinária). Todos estes contactos foram determinantes para a elaboração da peça de modo a fornecerem o seu conhecimento sobre o assunto em questão e em detalharem as especificidades do tema em questão. Foi um assunto com alguma complexidade, tendo sido para mim um desafio interligar de forma coerente, resumida e simples todas estas informações.

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** a informação recolhida no ‘terreno’ através das vídeo chamadas e junto dos vários intervenientes foi determinante para a elaboração da peça pois acrescentou informação ao conhecimento que eu já tinha adquirido ao investigar sobre o assunto e que teve como base a informação presente no referido artigo publicado no Diário de Notícias. Por isso mesmo, neste caso a ‘ida para o terreno’ foi relevante do ponto de vista do valor jornalístico adquirido.

**Trabalho 10 – dia 1 de julho de 2021**

**Tema:** Manifestação de trabalhadores da indústria automóvel

**Local:** Avenida da Torre de Belém

**Número de Entrevistados:** 4

**Duração da peça:** 1min40

**Hora em que foi para o ar: 14h15**

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** dispunha da informação presente no comunicado enviado à Comunicação Social por parte da estrutura sindical da Fiequimetal (Federação Intersindical das Indústrias Metalúrgicas, Químicas, Elétricas, Farmacêutica, Celulose, Papel, Gráfica, Imprensa, Energia e Minas). Nesse comunicado estavam presentes detalhes sobre o local, a data do protesto e ainda uma explicação sucinta sobre as reivindicações que iriam ser feitas pelos trabalhadores deste setor, face ao panorama atual das empresas a que os mesmos pertenciam.

**Informação relevante registada no terreno:** pude entender com maior detalhe a posição em que os trabalhadores se encontravam, apoiados pelas forças sindicais.

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** Neste caso, o maior valor recolhido na ida para o terreno foi a informação visual relativamente às filmagens que foram feitas. Para além disso, os testemunhos dos trabalhadores e dos sindicatos foram relevantes. No entanto de salientar que neste caso já dispunha de alguma informação documental e por isso tinha já uma boa contextualização sobre o assunto aqui em causa.

**Trabalho 11 – dia 6 de julho de 2021**

**Tema:** Concentração de trabalhadores da CP+IP

**Local:** Jardim junto à estação de Santos

**Número de Entrevistados:** 4

**Duração da peça:** 2min24

**Hora em que foi para o ar:** 14h05

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** dispunha de uma boa quantidade de informação, através do comunicado enviado por parte do sindicato Nacional dos Trabalhadores do setor ferroviário (SNTSF).

**Informação relevante registada no terreno:** pude entender com maior detalhe a posição em que os trabalhadores se situavam, apoiados pelas forças sindicais

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** o maior valor recolhido na ida para o terreno foi a informação visual relativamente às filmagens

que foram feitas. Para além disso, os testemunhos dos trabalhadores e sindicatos foram relevantes. No entanto, de salientar que neste caso já dispunha de alguma informação documental e por isso tinha já uma boa contextualização sobre o assunto aqui em causa.

### **Trabalho 12 – dia 7,8 e 9 de julho de 2021**

**Tema:** Tempo que os portugueses passam ligados ao mundo digital

**Local:** Jardim D. Luís junto ao Time Out Market em Lisboa

**Número de Entrevistados:** 4

**Duração da peça:** 3min26

**Hora em que foi para o ar:** 14h19

**Informação de que dispunha antes da ida para o terreno:** a ideia para esta peça partiu de um estudo que tinha sido feito pela Nielsen, que afirmava que os portugueses passavam mais tempo conectados do que a dormir. A ideia da peça foi materializar esta informação para conteúdo televisivo. Portanto a única informação de que dispunha era a que estava presente no estudo.

**Informação relevante registada no terreno:** primeiro falei via online com a Maira Barcellos, que era a pessoa responsável pela Nielsen Media em Portugal e Espanha, e que estava por dentro do estudo. A conversa incidiu sobre o estudo em questão e sobre as principais conclusões a que o mesmo tinha chegado. Posteriormente, tornou-se pertinente ir para o terreno falar com cidadãos sobre algumas questões ligadas a esta temática. Como por exemplo: quanto tempo passavam ao telemóvel, quais as principais atividades que faziam no aparelho, qual o uso que davam às redes sociais, quais os seus hábitos de sono, entre outras.

**Acrescenta informação relevante ao conteúdo prévio à ida para o terreno ou não? SIM.** foi relevante a ida para o terreno para contrapor os resultados do estudo com algumas perceções dos cidadãos com quem falámos. Para além de se ter conseguido um efeito mais visual e dinâmico, a ida para o terreno também foi uma mais-valia para complementar a informação científica que tinha sido obtida com base no estudo que serviu como ponto de partida para a elaboração da peça.

#### 6.4. Discussão dos resultados

Com base na detalhada análise anteriormente exposta, é possível concluir que em todos os trabalhos foi considerada relevante a ida para o terreno do ponto de vista do valor jornalístico global que foi acrescentado. Nesse sentido, e pela amostra disponível, poderíamos concluir que na totalidade das vezes, a ida para o terreno é uma mais valia tendo em conta o conteúdo relevante que acrescenta à elaboração da peça. No entanto, esta conclusão poderia ser falível, não só por se tratar de uma amostra pequena e não estatisticamente relevante, mas também porque vários dos trabalhos incidem sobre um tema comum que é o das greves. Assim, o grande objetivo deste trabalho não é extrapolar as conclusões desta análise para outras situações de produção jornalística na SIC, mas antes fazer uma análise crítica sobre os resultados a que se chegaram com a experiência do estágio e com isso debater a importância que a ida para o terreno pode ter na produção jornalística diária, aos olhos de uma jornalista estagiária.

Em linha com as conclusões extraídas de todos os trabalhos analisados, André Antunes, o coordenador do Primeiro Jornal, também não tem dúvidas sobre a grande importância que a ida para o terreno desempenha na produção noticiosa:

Ir ao local é muito importante pois permite mostrar a realidade às pessoas para que a comprovem com os seus próprios olhos. É muito importante ir ao local primeiro porque televisão vive muito da imagem e de mostrar, depois é importante ouvir os intervenientes e as suas diferentes opiniões. Ir ao local dá sempre uma riqueza grande ao jornalista e à peça porque viu com os seus olhos o que se passa e permite-lhe contar uma história e envolver-se mais no assunto. Permite recolher depoimentos, uma vez que em reportagem há várias coisas que são subjetivas. (Antunes, 2021).

André Antunes conclui dizendo que “a função de prova que o jornalismo tanto quer dar ao telespectador é essencial para a importância que a ida para o terreno tem.” (Antunes, 2021).

A mais-valia da ida para o terreno também existe devido ao fator da imprevisibilidade e da espontaneidade humana que podem fazer toda a diferença na elaboração de uma peça.

Até porque se não se for para o terreno corre-se um grande risco que é o de passar ao lado de informação nova pois pode já ter havido um desenvolvimento face àquilo que se sabia antes de se ir para o terreno. Caso não se vá para o terreno podem-se perder

importantes reações e situações que estão naquele momento a ocorrer. Ir ao sítio traz sempre uma riqueza maior. (Antunes, 2021).

Jornalismo é contar histórias e a sua atividade vive também muito das histórias das pessoas. Nesse sentido, a ida para o terreno é com frequência relevante pois permite transmitir ao público essas histórias e percepções, criando um sentimento de empatia entre os telespectadores e o conteúdo transmitido. Obviamente que num determinado tipo de temáticas pode ser mais relevante a ida para o terreno do que noutras.

Esta opinião sobre a importância que a ida para o terreno tem é igualmente partilhada por vários autores que se têm debruçado no estudo desta temática. Como exemplo, Shapiro et al. (2006) mostram que é clara a importância da ida para o terreno na produção noticiosa de qualidade quando identificam como fatores importantes na produção noticiosa “a qualidade da escrita, (incluindo a técnica de contar histórias), a profundidade de investigação e o rigor da reportagem”. Todas estas características se conseguem indo para o terreno.

Um outro autor que não tem dúvidas da importância que a ida para o terreno tem como fator de qualidade no jornalismo produzido é Schulz (2000) que afirma que as “pesquisas de campo” são absolutamente determinantes na produção noticiosa quando diz que “em primeiro lugar são relevantes as pesquisas de campo, que exigem recursos financeiros e tecnológicos para investigações aprofundadas que facilitam ou não a ação dos jornalistas”.

Um outro estudo já mencionado neste trabalho e que confirmou a importância da prática do jornalismo no terreno foi o estudo desenvolvido por Bogart (1991) que se baseou num inquérito feito a 746 jornalistas da American Society of Newspaper. Nesse inquérito, foi-lhes perguntado quais consideravam ser os critérios de qualidade editorial. Na sua maioria as respostas incidiram sobre os critérios de precisão, imparcialidade, investigação e existência de pessoal especializado. Neste estudo, fica clara a importância da ida para o terreno que se materializa através da referida investigação.

Para além disso, é importante ter presente que em televisão, um dos grandes valores da ida para o terreno é a captação de imagem e do áudio mais do que por vezes a captação de conteúdo textual. Muitas vezes esse conteúdo textual obter-se-ia de igual forma estando o jornalista na redação. Já relativamente ao conteúdo do audiovisual, tal situação já não se verifica. Esta conclusão vai ao encontro do que é fazer televisão: é mostrar, é documentar. Não é só informação textual, mas é também imagem. É informar através da imagem, é cumprir uma função social, é dar voz ao povo. E por tudo isso, muitas vezes torna-se essencial e pertinente

a ida para o terreno. Este cenário é novamente confirmado pelo coordenador do Primeiro Jornal André Antunes que em entrevista afirma,

Há casos em que realmente a imagem é tão forte que o jornalista nem precisava de dizer nada e vale por tudo o resto. E essa é uma das grandes riquezas de trabalhar em televisão: é o valor da imagem. Já se está a passar informação através da imagem e tudo o que se diz pode apenas ser complementar ao que já se vê e ouve através do audiovisual. (Antunes, 2021)

Esta opinião é partilhada por Hartley (1996) que chama a atenção para o facto de o jornalismo televisivo ser produzido, em primeiro lugar, para “apresentação” e “visualização”. Nesta perspetiva, a forma de apresentação é o elemento essencial na produção da informação televisiva. Segundo o autor, todo o jornalismo televisivo é produzido a pensar no telespectador. Hartley (1996) afirma que “o conhecimento produzido pela televisão é articulado visualmente.” Ekström (2002) concorda com esta perspetiva, afirmando que “em televisão o acesso a boas imagens condiciona a seleção da informação que vai ser investigada.”

Há outros autores que não têm dúvidas sobre a importância que a imagem desempenha na produção da informação televisiva. Segundo Rezende (1997), “em termos sensoriais, a televisão tem uma soberania face aos restantes meios de comunicação.” Isto porque dispõe de características também presentes nos outros meios de comunicação, como o estilo de escrita e das técnicas de sonorização também presentes na rádio, mas “destaca-se pelo uso da imagem como forma de informar.” Em função disso, “por vezes a televisão favorece em excesso o poder expressivo da imagem.” (Rezende, 1997).

Em concordância, (Paternostro, 1987, p. 41), afirma que:

A imagem viva, em movimento, carrega uma dose muito maior de emoção. As palavras vão, então, servir de suporte a essa imagem, dar apoio a ela. Frases de efeito precisam ser deixadas de lado. A imagem em movimento transmite muito mais efeitos. É com a imagem que a televisão compete com o rádio e o jornal. É com a imagem que ela exerce o seu fascínio e prende a atenção das pessoas.

Como já ficou claro, e apesar da enorme importância que é reconhecida à palavra no jornalismo televisivo, a soberania vai para a imagem: “A principal característica ensinada é que o

fundamental na televisão é a imagem. A palavra, embora também seja importante, é um suporte utilizado para enriquecer e dar sentido para a informação visual.” (Maciel, 1995, p. 43).

Pelo exposto atrás já ficou claro que no estudo levado a cabo neste trabalho, há uma concordância sobre a importância da prática que o jornalismo no terreno tem. Esta concordância materializa-se entre as conclusões extraídas pela análise dos trabalhos por mim desenvolvidos ao longo do estágio, pelas opiniões transmitidas sobre esta temática pelo coordenador do Primeiro Jornal e também pelas opiniões de alguns autores que se têm debruçado sobre o estudo desta temática e que constata a importância que a ida para o terreno pode ter em certos casos de produção jornalística.

Relembrando, esta era a questão central de análise neste trabalho. No entanto, há várias outras sub-questões que já foram anteriormente identificadas e que merecem agora a atenção de serem debatidas nesta fase do trabalho, tendo em conta o material disponível. Relembrando, algumas dessas questões dizem respeito ao entendimento sobre qual o papel do jornalista e qual o papel do repórter, qual a relação entre os temas abordados e a ida para o terreno, qual a relação entre a afetação dos meios disponíveis e a ida para o terreno e qual a atribuição feita ao valor textual e ao valor audiovisual que se consegue na ida para o terreno.

Assim, e começando pela análise dos dois valores em discussão neste trabalho – o valor do audiovisual e o valor textual – conclui-se que eles existem independentemente, mas que na produção noticiosa operam numa ótica de complementaridade. Conclui-se que por norma o valor do audiovisual está sempre presente. Já o valor da informação textual pode estar mais ou menos presente em função da capacidade do jornalista em explorar melhor ou pior o tema em questão, escolhendo alguns ângulos de abordagem, e complementando a informação de que dispõe antes da ida para o terreno, fazendo dela uma base de preparação, mas não a base para a escrita da peça. A propósito de um dos trabalhos por mim desenvolvidos ao longo do estágio, André Antunes afirma:

Nesses casos (das greves) tinhas de ir à procura de informação nova face àquela que tu já tinhas. Obviamente que nesse exemplo que tu deste das peças que fizeste sobre os sindicatos, são sempre notícias mais fechadas e redutoras, é verdade. Mas mesmo assim, por norma é possível dar a volta a isso. (Antunes, 2021).

Nesta fase será então lógico questionarmos como podemos obter esse acrescento de informação que poderá dar algum destaque e diferença à peça em questão. Antunes (2021) explica:

Com a presença do jornalista no local, pode-se tentar encontrar mais informação de contexto, que de outra forma, e caso o jornalista ficasse na redação, não teria. Ou seja, com a ida para o terreno, para além do jornalista ser uma testemunha daquilo que está a acontecer, também pode dessa forma acrescentar algum valor à história. E pegando novamente nesse exemplo que deste dos sindicatos, obviamente que tu já dispões de uma série de informações antes de ires para o terreno. Portanto nesses casos que riqueza é que tu poderias dar à peça? Algum valor humano. Por exemplo, pegar na história de vida e numa série de pormenores de alguém que faça parte do protesto grevista. A ideia é que essa dimensão humana complemente os factos que tu vais transmitir e que já sabes acerca da greve. Nos telespectadores a perceção que se cria com um tipo de peça ou com o outro pode ser totalmente diferente. E essa é uma grande riqueza da ida para o terreno – encontrar novas abordagens nos assuntos, e dar alguma dimensão humana ao assunto, acrescentando conteúdo à informação mais óbvia que está disponível.

Torna-se assim claro que para André Antunes a mais-valia na ida para o terreno deve ser em parte encontrada pelo jornalista.

Voltando à análise dos dois valores em questão neste estudo, torna-se pertinente perceber se há algum deles que sobressai mais face ao outro. Nesse sentido, podemos colocar a seguinte questão: Numa peça jornalística, qual o valor que mais sobressai? O do texto ou o do audiovisual? A resposta não é objetiva e varia consoante vários fatores. Tal como afirma André Antunes,

Essa análise sobre qual dos dois valores é o mais importante depende do assunto que é. Mas acho que um não vive sem o outro. Há casos em que realmente a imagem é tão forte que o jornalista nem precisava de dizer nada e vale por tudo o resto. E essa é uma das grandes riquezas de trabalhar em televisão: é o valor da imagem. (...) Portanto resumidamente são ambos os valores igualmente importantes e dependendo do assunto, um torna-se mais importante face ao outro. (Antunes, 2021).

Esta percepção do coordenador vai ao encontro da minha experiência ao longo do estágio. Como se pode constatar na análise das doze peças em que existiu uma ida para o terreno, ficou claro que houve umas em que a grande mais-valia da saída esteve no valor do audiovisual devido a ser esse o elemento central na peça e houve outras em que a grande mais-valia da saída foi o valor da informação textual recolhida, dado ser esse o elemento central na produção da peça em questão.

Pelo exposto até agora, já se percebeu o enorme valor que o conteúdo audiovisual tem na produção noticiosa. Posto isto, torna-se então pertinente perceber se esse grande valor que lhe é atribuído atualmente sempre existiu ou se cresceu com o passar do tempo. Na opinião de André Antunes, o valor do audiovisual tem-se mantido estável ao longo do tempo, ou seja, não diminuiu nem aumentou nos últimos anos. O que aconteceu recentemente foi que esse valor se espalhou por mais plataformas de comunicação – “o que eu acho que aconteceu foi que a imagem ganhou valor em mais plataformas. Ou seja, eu acho que ela não perdeu valor na televisão, ganhou foi mais dimensão noutras plataformas que antes não existiam.” (Antunes, 2021).

No entanto, e apesar do valor do audiovisual desempenhar um papel absolutamente determinante na produção televisiva, constata-se que hoje em dia é dada uma grande importância ao valor da informação textual. A título de exemplo, afirma o coordenador: “Se eu pegar no alinhamento para o Jornal da Noite de hoje, claramente que o maior valor é pela riqueza da informação e não tanto pela riqueza da imagem.” (Antunes, 2021). Esta opinião vai ao encontro daquilo que experienciei e que pude observar ao longo do estágio sobre a produção noticiosa: hoje, os jornalistas produzem as peças tendo por base o texto que escrevem e não as imagens que filmam. Daí advém a maior importância que o conteúdo textual tem na forma de fazer jornalismo nos dias de hoje.

Como percebemos pela exposição anterior, entendemos que a informação textual ganhou valor em televisão, nos últimos tempos. Antes as imagens eram o centro da peça e os jornalistas escreviam para as imagens, portanto existia essa soberania. Hoje em dia o jornalismo tem funcionado um pouco ao contrário. Por isso é que se diz que o texto ganhou importância ao longo dos últimos anos:

Hoje em dia aposta-se mais no valor do conteúdo textual, sem dúvida. Os novos jornalistas que têm chegado muitas vezes não sabem tirar o máximo partido do valor que uma imagem pode ter. Antigamente acho que se construía muito mais as notícias à

volta das imagens que se tinham. Havendo esses dois elementos, o texto e a imagem, era dada prioridade às imagens. Hoje em dia é um bocado ao contrário e a pressa prejudicou muito esta situação. Ou seja, hoje em dia escreve-se a peça primeiro e só depois é que se põe as imagens por cima e isso é uma desvalorização da imagem. Hoje em dia, a percentagem de novos jornalistas que chegam às redações com esse domínio é muito reduzida. Isso é uma grande perda para o jornalismo uma vez que a maior riqueza é escrever-se para as imagens, adaptando o texto. Porque a força da imagem é poderosíssima. (Antunes, 2021).

Focando agora numa outra perspetiva desta análise, no que diz respeito à facilidade com que se obtêm diversas informações relevantes para a produção noticiosa, é notório que com o passar dos anos tornou-se mais fácil aceder a informação jornalística sem ir para o terreno. Daí que por vezes o valor e a importância desta ida para o terreno possam ser postos em causa.

Hoje em dia é muito mais fácil ter a informação na redação sem ir para o terreno. Porque hoje em dia há outros meios tecnológicos de nos fazer chegar a informação, outros meios de contacto. No entanto é sempre mais pobre contactar as pessoas por essa via em vez de ir para o terreno. (Antunes, 2021).

Nesta abordagem, existe uma condição que poderia ser determinante na forma de se fazer jornalismo: trata-se dos meios financeiros disponíveis para o exercício da profissão. À partida, seria lógico ter de ser feita uma análise da relação custo-benefício, aquando do envio do jornalista para o terreno, no sentido de ser tomada a decisão mais racional. No entanto, na SIC, tal questão não se coloca uma vez que não há limitação de meios na ida para o terreno, dada a organização dos jornalistas por delegações, que permite uma otimização dos recursos. Tendo isso em conta, a opção da direção da SIC é enviar sempre os jornalistas para o terreno por considerar uma mais-valia na elaboração das peças.

Felizmente essa gestão dos meios não se coloca nas idas para o terreno em território nacional, por isso eu mando sempre as pessoas para o terreno. Só se pensa nesse constrangimento quando são viagens ao estrangeiro. E essa gestão dos recursos também não se coloca muito porque nós estamos organizados em delegações por distritos. Por

isso o custo para a SIC é o mesmo uma vez que esse correspondente ganha o mesmo, independentemente do número de peças que faça por mês, ele é um funcionário da SIC. Portanto esses custos diários estão previstos e não são uma condicionante do nosso trabalho. (Antunes, 2021).

Pela minha experiência do estágio, confirmo a ideia exposta atrás pois do que consegui captar enquanto estagiária da redação, nunca ouvi falar em análise de custos para tomar a decisão de enviar ou não um jornalista para o terreno. Aliás, o que presenciei até foi o contrário, houve vários casos em que se mandaram os jornalistas para o terreno sem ter a certeza de que seria útil ou que dessa saída viriam informações relevantes para a produção de uma peça, mas na via das dúvidas, mandava-se o jornalista para o terreno e depois logo se fazia um ponto de situação diretamente do local do acontecimento, sobre a utilidade ou não dessa saída para a produção noticiosa.

Assim, e voltando à grande questão de partida que orienta todo este trabalho “Jornalismo no terreno: Fator diferenciador na Qualidade do Jornalismo do Primeiro Jornal da SIC?”, podemos concluir, com base na minha experiência de estágio através dos vários trabalhos realizados, com base na entrevista concedida pelo coordenador do Primeiro Jornal e com base em toda a revisão de literatura efetuada que a ida para o terreno é um fator diferenciador na qualidade do jornalismo praticado quer pela vertente do conteúdo audiovisual quer pela vertente do conteúdo textual que acrescenta.

## CONCLUSÃO

A realização deste relatório de estágio foi um trabalho estendido no tempo, composto de um grande empenho, resiliência e disciplina para apresentar o melhor resultado possível, na data estipulada para o efeito. É sempre um projeto que se torna orgulho de mais uma concretização, que ficará como um marco na vida não só académica, mas também pessoal.

A realização deste estágio foi a concretização de um desejo que há muito tinha: o de fazer parte de uma redação de informação televisiva. Tudo indicava que tal já não seria possível dados os constrangimentos que a pandemia veio trazer ao meio profissional e à aceitação de estagiários nas suas redações. No entanto, a tão aguardada resposta positiva chegou e deu início a um período de três intensos meses, quer do ponto de vista humano quer do ponto de vista profissional, que originaram também um grande desenvolvimento pessoal.

Passar três meses na redação do Primeiro Jornal foi algo que me deixou entusiasmada uma vez que esta era a secção da minha preferência, dado o jornalismo generalista que eu pretendia explorar. Permitiu-me observar, analisar e pôr em prática os conhecimentos que já tinha adquirido ao longo do Mestrado. Para além disso, também me permitiu captar um pouco sobre todo o funcionamento de um canal televisivo, dado o meu interesse no funcionamento de alguns processos e a boa vontade de alguns dos profissionais que lá trabalhavam para fornecer explicações.

Foi bastante gratificante ver com alguma regularidade peças por mim produzidas a serem passadas no ar. Permitirem aos estagiários tomar conta de todo o processo de produção de uma peça jornalística, desde que é alocado o tema até ao momento em que a peça é passada no ar, é um processo bastante enriquecedor do ponto de vista da execução mas também do conhecimento que se adquire. Desenvolvi diversas competências de uma forma prática, desde competências na escrita jornalística, competências na gestão de tempo entre a saída para o terreno e o regresso à redação para a escrita e produção da notícia, competências no desenvolvimento de técnicas de entrevista a diferentes perfis de pessoas e também competências na interligação do trabalho em equipa quer entre o jornalista e o repórter de imagem, quer entre o jornalista e o editor de imagem.

Como pontos menos positivos ao longo do estágio, sobressaio a introdução abrupta no programa da Opinião Pública, sem grande explicação para o sucedido. Uma vez que já estava inserida na equipa Primeiro Jornal, a inserção repentina e ainda numa fase preliminar do estágio no programa Opinião Pública, foi prejudicial para o meu processo de aprendizagem e adaptação

no período de estágio, uma vez que foi feita sem grande enquadramento. No entanto, a melhor parte desta experiência em fazer parte do programa Opinião Pública foi poder ganhar a autonomia e a confiança sobre a co-produção de um programa diário.

Outro ponto menos positivo que sobressaia é um dos inerentes à profissão de jornalista e que se baseia na falta de tempo e no stress constante entre acontecimentos, tempos e localizações geográficas em que o jornalista tem de se ir posicionando, sem nunca descurar os contactos que tem de ir fazendo. Nesse sentido, foi um bocadinho caótico experienciar toda essa realidade e sentir a falta de tempo que alguns profissionais tinham para sonorizar as peças dos estagiários, o que por vezes gerava alguns constrangimentos.

Do ponto de vista da investigação académica levada a cabo, posso afirmar que os capítulos em que aprofundei a temática de um ponto de vista teórico foram essenciais para aumentar o meu conhecimento sobre o tema deste trabalho. Ficou claro que nos últimos anos se observou de forma geral uma sedentarização das redações e ficou também claro quais os motivos que levaram a isso e as consequências positivas e negativas que tal situação trouxe ao mundo do jornalismo. Há académicos e jornalistas que não consideram que a sedentarização seja plenamente negativa tendo em conta a evolução tecnológica, porque dessa forma conseguem produzir um trabalho de qualidade sem a ida para o terreno. Já outros consideram este um caminho errado que o jornalismo tem feito e que prejudicou a qualidade da produção noticiosa. Ficou também claro que a informação televisiva comporta algumas características específicas no conjunto da informação jornalística geral e que por isso mesmo no caso do jornalismo televisivo pode ainda ser mais importante a ida ao terreno do ponto de vista do contributo audiovisual, uma vez que a televisão é em grande parte imagem e informação transmitida através dela. A parte teórica encerra com uma análise sobre o que é considerado jornalismo de qualidade e quais os fatores que o constituem. Dessa forma, pode-se entender se a ida para o terreno é ou não um fator determinante na qualidade do jornalismo produzido. Percebemos que em muitas das abordagens a ida para o terreno é um tópico presente, mas não diretamente, isto é, insere-se em algum parâmetro classificatório que compõe a caracterização do jornalismo de qualidade.

Analisando o trabalho que desenvolvi ao longo do estágio, mais concretamente através da análise das peças em que eu me desloquei ao terreno para obter informação, concluí que em todas elas a ida para o terreno foi relevante do ponto de vista do acréscimo de informação jornalística. No entanto, tive em conta que esse contributo positivo foi dado por dois valores distintos: o valor proporcionado pelo conteúdo audiovisual e o valor proporcionado pelo conteúdo textual. Verifiquei que nos trabalhos analisados, está mais vezes presente o contributo

do valor do audiovisual, face ao valor do conteúdo textual. Tal conclusão tem a ver com as características intrínsecas sobre o que é fazer televisão. E também está relacionado com a maior facilidade com que hoje em dia se obtêm as informações relevantes para a produção da notícia sem a ida do jornalista ao terreno. No entanto, indo um pouco mais fundo, percebe-se que hoje em dia uma das grandes mais valias da ida para o terreno é descobrir informações e histórias de que não se dispunha nos comunicados informatizados e oficiais que os jornalistas têm acesso nas redações. Um desses incrementos da ida para o terreno está no valor humano que se acrescenta a uma história. Estas conclusões que extraí da análise empírica que desenvolvi, são sustentadas e confirmadas na entrevista realizada ao coordenador do Primeiro Jornal, André Antunes, que com toda a sua experiência e conhecimento televisivo não tem dúvidas sobre a importância que a ida para o terreno tem na qualidade do jornalismo produzido e por isso mesmo é que segue essa como uma das principais linhas condutoras da sua coordenação e aposta sempre que possível em enviar os jornalistas para o terreno na construção das peças. As conclusões deste exercício investigativo também estão em parte em linha com as conclusões extraídas da revisão de literatura sobre a utilidade da ida para o terreno. Foram vários os autores abordados ao longo do trabalho que deixaram clara a importância no passado, presente e futuro que a ida para o terreno tem na produção noticiosa. De toda a revisão de literatura efetuada, não existiram contributos em que se mostrasse preferencial um jornalismo sedentário, face a um jornalismo no terreno. No máximo, o que alguns autores afirmaram foi o entendimento nas sinergias e eficiência nos métodos de trabalho que o trabalho jornalístico a partir das redações permite ganhar. Na SIC também pude constatar esta forma de exercer jornalismo, uma vez que em vários momentos do dia a redação estava repleta de profissionais que produziam conteúdo jornalístico através da redação e não indo para o terreno. Obviamente que neste ponto é necessário referir a pandemia da COVID-19, que veio colocar constrangimentos nas saídas dos jornalistas ao terreno para produção noticiosa. Ainda assim, este era um fator que já se vinha a verificar antes da pandemia. Um outro exemplo desta tendência é a forma como trabalham os colegas alocados à SIC online: nunca saem da redação e apenas preparam conteúdos já existentes provenientes da Agência Lusa ou de outras plataformas para serem publicados online. Desse modo, é notório que esta crescente tecnologização veio introduzir mudanças nas redações e na forma como se faz jornalismo. Nesse seguimento, por vezes os jornalistas não saem tanto da redação hoje em dia pois há informações que conseguem ter sem precisarem de ir ao terreno, e há uns anos atrás tal era mais difícil de acontecer. Também não é menos verdade que o facto de as redações hoje em dia estarem mais sedentárias não quer dizer necessariamente que seja uma mudança dramática, pois o mercado de trabalho evoluiu e as mudanças não são necessariamente todas para pior. No entanto, é importante deixar claro que a ida para o terreno

nunca pode ser abandonada, pois está na base do exercício do jornalismo, como ficou bem claro ao longo da minha experiência do estágio, quer pela forma como produzi peças jornalísticas, quer pela forma como vi colegas a produzir as suas.

## BIBLIOGRAFIA

Almeida, J. & Pinto, J. (1995), A investigação nas ciências sociais. Lisboa: Editorial Presença, pp. 85-105

Anteleva, N. (2017, dezembro, 6). “Don’t Fight Fake News, Tell Stories instead”. Disponível em <https://www.codastory.com/disinformation/information-war/dont-fight-propaganda-just-tell-stories/> [Consultado em 24 de outubro de 2021]

Bártolo, F. (2019). A cobertura noticiosa das Eleições Europeias 2019 no Jornal da Noite da SIC. (Relatório de estágio não publicado. Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa). Disponível em <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/11284> [Consultado 12 de agosto de 2021]

Bauer, M. & Gaskell, G. (2000) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.. Petrópolis: Editora Vozes, pp.65.

Belo, A. & Sendin, A. (2006). Noticiários de horário nobre em Portugal: duração e valor-notícia. Centro de Projetos e Investigação da Escola Superior de Comunicação Social, Vol.2; Nº4. Disponível em [https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/398/1/artigo\\_CP\\_AS\\_AB-1.pdf](https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/398/1/artigo_CP_AS_AB-1.pdf) [Consultado em 2 de outubro de 2021]

Bogart, L. (1991) Preserving the press: How daily newspapers mobilized to keep their readers. Columbia University Press

Bogart, L. (2004) Reflections on Content Quality in Newspapers. Newspaper Research Journal vol. 25, no. 1, p. 40–53, Doi:10.1177/073953290402500104.

Bourdieu P. (1997) Sobre a Televisão, Celta, Oeiras

Occupational Outlook Handbook, (2021, setembro, 9). What News Analysts, Reporters, and Journalists Do. U.S. Bureau of Labor Statistics. Disponível em <https://www.bls.gov/ooh/media-and-communication/reporters-correspondents-and-broadcast-news-analysts.htm#tab-2> [Consultado em 24 de outubro de 2021]

Canavilhas, J. (2001). O domínio da informação-espetáculo na televisão. Covilhã: Universidade da Beira Interior

Cebrián, M., (2004) *La información en televisión – obsesión mercantil y política*, Barcelona, Gedisa Editorial

Coelho, A. (2017). *A relevância do Desporto no Primeiro Jornal da SIC*. (Relatório de estágio não publicado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/25383/1/Relat%c3%b3rio%20de%20Est%c3%a1gio%20-%20Ana%20Rita%20Coelho%20n47284.pdf> [Consultado em 2 de outubro de 2021]

Comité de Proteção dos Jornalistas (2021). *Journalism on the Ground: The Risks and Importance of International Reporting*. Disponível em: <https://cpj.org/events/journalism-on-the-ground-the-risks-and-importance-of-international-reporting/> [Consultado em 24 de setembro de 2021]

Correia, J. (2019). *Os noticiários dos canais generalistas da hora do almoço: retratos comparativos*. (Relatório de estágio não publicado. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho). Disponível em [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/64490/1/9\\_Dissertacaocorrigida\\_JoseCorreia.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/64490/1/9_Dissertacaocorrigida_JoseCorreia.pdf) [Consultado em 2 de outubro de 2021]

Crespo, M. (2018, novembro, 27). “How artificial intelligence is transforming journalism” Disponível em <https://www.equaltimes.org/how-artificial-intelligence-is#.YXWdkhrMLIV> [Consultado em 24 de outubro de 2021]

Crowe, D. (2017, setembro, 12). *The persistent value of on-the-ground reporting*. The Interpreter. Disponível em <https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/value-reporting-on-the-ground> [Consultado em 27 de setembro de 2021]

Ekström, M. (2002) “Epistemologies of TV journalism - a theoretical framework”. *Journalism*, Vol.3(3): 259-282. Sage Publications.

Farivar, C. (2018, dezembro, 23). “Civil unrest: How a blockchain-based journalism startup bumbled its launch”. Disponível em <https://arstechnica.com/tech-policy/2018/12/civil-unrest-how-a-blockchain-based-journalism-startup-bumbled-its-launch/> [Consultado em 24 de outubro de 2021]

Fechine, Y. (2006). *Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal. Televisão: entre a academia e o mercado*. Disponível em <https://www5.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/tendencias-usos-e-efeitos.pdf> [Consultado em 18 de agosto 2021]

Ferreira, S. (2016), *O impacto da internet no jornalismo: mudanças nas rotinas jornalísticas*. (Relatório de Estágio não publicado, Faculdade de Letras de Coimbra). Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/31610/1/O%20impacto%20da%20internet%20no%20jornalismo.pdf>. [Consultado em 24 de outubro de 2021]

Garcia, J., Martinho, T., Alves, M., Correia, J., Cunha, D., Matos, J., Graça, S., Ramalho, J. & Rodrigues, C. (2018). Os media em mudança em Portugal: implicações da digitalização no jornalismo. Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/35200/1/ICS\\_JLGarcia\\_TDMartinho\\_OsMedia.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/35200/1/ICS_JLGarcia_TDMartinho_OsMedia.pdf) [Consultado em 23 de setembro de 2021]

Godinho, J. (2011). *As Origens da Reportagem – Televisão*. Lisboa: Livros Horizonte.

Gomes, R. (2012). *A queda da reportagem e os contributos da Internet para o sedentarismo da prática jornalística*. (Tese de Doutoramento não publicada. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/7470> [Consultado em 24 de setembro de 2021]

Hartley, J. (1996) *Popular Reality: Journalism, Modernity, Popular Culture*. London: Arnold.

Hernández R. (1997) “Avances en la Búsqueda de un Sistema de Calidad para las Redacciones de los Diarios”. *Comunicación y Sociedad*, vol. 10 (1), pp. 169-192

IJNET (2018, abril, 18). To fight disinformation, focus on on-the-ground reporting. Réseau International Des Journalistes. Disponível em <https://ijnet.org/fr/node/251>. [Consultado em 27 de setembro de 2021]

Impresa (2021). *SIC*. Disponível em <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo/as-nossas-marcas/2013-11-07-SIC> [Acedido em 20 de janeiro de 2021].

Infopédia (2021). Página da Infopédia – Jornalismo. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jornalismo> [Consultado em 16 de outubro de 2021]

Knickelbine, S. (2018, julho, 1). What Is the Difference Between a Journalist & a Reporter? CHRON. Disponível em: <https://work.chron.com/difference-between-journalist-reporter-2868.html> [Consultado em 25 de setembro de 2021]

Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2007), *The Elements of Journalism*. Three Rivers Press.

Lopes, F. (2015). “Jornalista: Profissão Ameaçada”. Alêtheia editores.

Maciel, P. (1995). *Jornalismo de Televisão*. Porto Alegre, Sagra DC Luzzatto.

Marinho, S. (2015). *Jornalismo e Formação em Mudança: modelos e construções na análise do caso português*. Disponível em <https://www.cecs.uminho.pt/publicacao/jornalismo-e-formacao-em-mudanca-modelos-e-construcoes-na-analise-do-caso-portugues/> [Consultado em 23 de setembro de 2021]

Maryville University (2021). *How Technological Advancements Will Shape the Future of Journalism*. Disponível em: <https://online.maryville.edu/blog/future-journalism/> [Consultado em 27 de setembro de 2021]

Maryville University (2021). *Journalist vs. Reporter: What’s the Difference?* Disponível em: <https://online.maryville.edu/blog/journalist-vs-reporter/> [Consultado em 25 de setembro de 2021]

Mcquail, D. (1992) *Media performance: Mass communication and the public interest*. Sage

Mcquail, D. 2013, *Journalism and society*. Sage

Meditsch, E. (1998), *Jornalismo como forma de conhecimento*. *Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* vol. 21 no.1, São Paulo. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/956/859> [Acedido em 5 de dezembro de 2020].

Merrill, J. (1968). *Global Patterns of Elite Daily Journalism*. *Journalism Quarterly* 45, no. 1, p. 99–105. Doi:10.1177/107769906804500114.

Molla, R. (2019, fevereiro, 25). *Chart: How the definition of “journalist” is changing*. Recode Vox. Disponível em: <https://www.vox.com/2019/2/25/18224696/chart-transition-journalism-public-relations-content-social-media-jobs> [Consultado em 27 de setembro de 2021]

Moreira, M. (2017). *A Reportagem Televisiva no panorama informativo da SIC*. (Relatório de estágio não publicado. Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa). Disponível em <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/8059> [Consultado em 12 de agosto de 2021]

Neveu, Erik (2001). *Sociologie du Journalisme*. Paris: La Découverte.

Oliveira, J. (2007) Manual de Jornalismo de Televisão [eBook] Disponível em [https://www.academia.edu/20195285/Manual\\_Jornalismo\\_Televisao](https://www.academia.edu/20195285/Manual_Jornalismo_Televisao) [Acedido em 12 de janeiro de 2021].

Paternostro, I. (1987). O Texto na TV- manual de telejornalismo. São Paulo, Brasiliense.

Patterson, T. (2000). Doing well and doing good: how soft news and critical journalism are shrinking the news audience and weakening democracy – and what news outlets can do about that. Joan Shorenstein Center on the Press, Politics and Public Policy, John F. Kennedy School of Government, Harvard University. Na internet: <http://www.ksg.harvard.edu/presspol/publications/pdfs/softnews.pdf> [Acedido em 12 de janeiro de 2021].

Pereira, H. (2017). Jornalismo em Portugal: perigos e constrangimentos de uma nova realidade – um estudo de caso. (Relatório de estágio não publicado. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho). Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/48014> [Consultado em 23 de setembro de 2021]

Picard, G. (s/d) Measuring Quality by Journalistic Activity. Media Group, Business Research and Development Centre, Turku School of Economics and Business Administration. Disponível em <http://www.tukkk.fi/media/Picard/Publication%20and%20Paper%20Files/Journalistic%20Quality.pdf> [Consultado em 2 de outubro de 2021]

Picard, G. (2004) Commercialism and Newspaper Quality. *Newspaper Research Journal*, vol. 25, nº I, p. 54-65

Pinto, M. & Marinho, S. (2003, abril). A qualidade em jornalismo: problematização e operacionalização do conceito. Projecto Mediascópico – Estudo da Reconfiguração do Campo da Comunicação e dos Media em Portugal. Disponível em [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/997/1/manuelpinto\\_sandramarinho\\_CongressoLuso\\_Br\\_2003.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/997/1/manuelpinto_sandramarinho_CongressoLuso_Br_2003.pdf) [Consultado em 2 de outubro de 2021]

Postman, N. (1985) *Amusing Ourselves to Death*. New York: Viking

Lopes, M. (2012, outubro, 6). 20 anos de TV privada por 20 vozes. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2012/10/06/jornal/20-anos-de-tv-privada-por-20-vozes-25373534> [Acedido em 19 de janeiro de 2021].

Quivy, R. e Lucvan C. (1992) Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, pp. 49-194.

Renckstorf, K, McQuail, D., Jankowski, N. (1999) (eds.): Television news research - recent european approaches and findings (communications monograph), United Kingdom, Quintessence

Rezende (1997) O Papel do Código Verbal no Telejornalismo. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/0691a919666c893ffb28cea7279a0ff4.pdf>. [Acedido em 24 de outubro de 2021].

Santos, E. & Guazina, L. (2020, janeiro-junho). Qualidade no Jornalismo: percursos estrangeiros, problemas brasileiros. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 17 Nº 1. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2020v17n1p32/43589> [Consultado em 2 de outubro de 2021]

Schulz, W. (2000, outubro) Preconditions of journalistic quality in an open society. News Media and Politics–Independent Journalism. *Hungarian Europe Society*. Disponível em: <https://europatarsasag.hu/en/blog/preconditions-journalistic-quality-open-society>. [Consultado em 18 de outubro de 2021]

Serrano, E. (2005). A campanha eleitoral de 2001 na televisão revisitada: análise comparada do serviço público e dos canais privados. *Media & Jornalismo*, (7) 2005, pp. 59-78. Disponível em <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/n7-03-Estrela-Serrano.pdf> [Consultado em 2 de outubro de 2021]

Silveira, M. (2018). O Perfil Sociográfico dos Jornalistas da SIC. (Relatório de estágio não publicado. Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa). Disponível em <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/9453> [Consultado em 12 de agosto de 2021]

Sindicato dos Jornalistas (2021), *Novo Código Deontológico*. Disponível em <https://jornalistas.eu/novo-codigo-deontologico/>. [Consultado em 24 de outubro de 2021]

Shapiro, I. Albanese, P.; Doyle, L. (2006), What Makes Journalism “Excellent”? Criteria Identified by Judges in Two Leading Awards Programs. *Canadian Journal of Communication*, vol 31, p. 425-445.

Soares, F. (2012). «Jornalismo de Secretária»: Reproduzir as Notícias dos Outros: O Caso dos Media Internacionais. (Relatório de atividade profissional não publicado. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho). Disponível em

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/23247> [Consultado em 27 de setembro de 2021]

Sobral, A. (2012). *Televisão em contexto português: uma abordagem histórica e prospetiva. Millennium*, 42 Pp. 143-159. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/19660> [Consultado em 19 de janeiro de 2021]

Szabo, Liz (2007, setembro, 16). *On-the-ground reporting: why it matters*. Nieman Reports. Disponível em <https://niemanreports.org/articles/on-the-ground-reporting-why-it-matters/>. [Consultado em 15 de setembro de 2021]

Torres, E.C. (2018). *A televisão do século XXI*. Lisboa, Portugal: Universidade Católica Editora.

Traquina, N. (2002) *O que é jornalismo*. 1ª ed. Lisboa, Quimera.

Traquina, N. (2005), *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2ed.

Traquina, N. (2020) *Teorias do Jornalismo. Porque as notícias são como são*. [eBook] Recuperado de <https://www.amazon.com.br/Porque-not%C3%ADcias-Cole%C3%A7%C3%A3o-Teorias-Jornalismo-ebook/dp/B08B127YPP>. [Acedido em 4 de dezembro de 2020].

Tulha, A. (2012). *O jornalismo sentado e a dependência das agências: o caso da secção de Desporto do jornal PÚBLICO*. (Relatório de estágio não publicado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/9391/1/O%20jornalismo%20sentado%20e%20a%20depend%C3%aancias%20das%20ag%C3%aancias%20-%20Ana%20Tulha.pdf> [Consultado em 24 de setembro de 2021]

Vaz, D. (2009). *A Informação Televisiva: Análise dos Noticiários das Televisões Generalistas em Portugal*. Covilhã: Universidade da Beira Interior

Vehkoo, J. (2010). *What is quality journalism and how it can be saved*. Reuters Institute for the Study of Journalism.

Veríssimo, A. (2014). *Jornalismo Online: Uma nova forma de fazer jornalismo ou um complemento do que já existe*. (Relatório de estágio não publicado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Disponível em

[https://run.unl.pt/bitstream/10362/19086/1/relatorio\\_estagio\\_anaverissimo\\_jornalismoonline.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/19086/1/relatorio_estagio_anaverissimo_jornalismoonline.pdf) [Consultado em 24 de setembro de 2021]

Weaver, P. (1975) “Newspaper News and Television News” in D. Cater e R. Adler (eds), *Television as Social Force*. New York: Praeger

## **OUTRAS FONTES**

Antunes, A. (2021) Entrevista concedida no âmbito da realização do presente trabalho. Documento não publicado.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1 – Entrevista a André Antunes**

Função: coordenador do Primeiro Jornal da SIC

Ano em que entrou para a SIC: 2001

Coordenador do Primeiro Jornal (PJ) a partir de 2009

#### **Enquanto coordenador do PJ, quais as tuas principais funções?**

Acumulo 3 funções: edição executiva, coordenação do PJ e chefia de redação. Ou seja, basicamente a redação está um bocado ao meu dispor. Dentro das notícias do dia, eu decido o que é que se vai fazer, quem é que as vai fazer e de que forma as vamos fazer. O output deste trabalho divide-se depois por várias parcelas: uma parte para a SIC Notícias em diretos ou reportagens, e a outra parte depois culmina no PJ.

#### **Como é a tua rotina desde o início da manhã para estares informado e organizado no sentido de poderes fazer a melhor alocação possível da equipa que está a teu cargo, tendo em conta as idas para o terreno?**

Eu chego por volta das 8h da manhã, já ouvi rádios, já li as capas dos jornais, já li algumas notícias online, já vi algumas coisas de redes sociais e quando chego à redação já venho com uma ideia do que quero fazer e quais são as coisas que durante a noite e manhã ganharam maior relevância. Durante a manhã há outros assuntos que vão surgindo. E depois há ainda assuntos de agenda – coisas que estão marcadas – uma inauguração, uma manifestação, etc. Muitas destas coisas agendadas nós decidimos marcar. Depois há ainda outras coisas que acontecem naturalmente e que são notícia como um incêndio, um acidente, alguém que se demitiu e nós temos de reagir a essas notícias. Dentro dessas tenho de escolher o que é notícia e o que não é notícia. Dentro do que considero notícia, decido quem vai trabalhar essa notícia, sempre com a noção que temos recursos limitados em termos de pessoas. Imagina eu tenho 30 notícias mas só tenho 10 jornalistas. E essa é uma das partes mais difíceis do meu trabalho. Essa escolha também é feita tendo em conta o perfil do jornalista, o perfil da notícia. Ou seja, eu penso qual é a melhor pessoa para fazer aquela peça não só pelo conteúdo, mas também para garantir

que quando o jornal começa está tudo minimamente controlado no alinhamento. Isto é particularmente importante na notícia de abertura, tento sempre escolher uma pessoa que seja suficientemente rápida para ter a peça pronta. Por isso há vários pormenores relevantes ao fazer esta afetação entre o jornalista e a notícia. À medida que a manhã se vai desenrolando e que as peças vão estando prontas, eu tenho de as ordenar e fazer o alinhamento do PJ e garantir que isso é executado. Uma outra parte da minha rotina é quando o jornal acaba eu tenho de preparar o dia de amanhã, marcar coisas que eu acho que são notícia e que amanhã ainda continuam relevantes e as coisas de agenda.

**Ou seja, és tu quem decide que assuntos e peças serão feitas para o PJ, obviamente com base na agenda. Como tomas essas decisões? É um acumular de experiência ao longo dos anos ligado a uma boa sensibilidade para interpretar as temáticas ou há um conjunto de procedimentos formais a implementar e decididos nas reuniões que diariamente acontecem?**

Sim, eu sou o principal decisor. Ou seja, mesmo que existam peças editadas e prontas por outras pessoas e editores sou eu que tomo a decisão se elas entram ou não no Primeiro Jornal. Para tomar a decisão do que se escolhe fazer ou não, eu só me guio por uma coisa que é: se isto interessa ou não às pessoas. Eu ponho-me muitas vezes no lugar de espectador, e faço um exercício simples: se eu estivesse em casa a ver televisão, se isto me interessava ou não. O meu farol é esse. Se o assunto tem impacto na vida das pessoas, se isto pode mudar a vida das pessoas, se isto pode mudar a sua opinião sobre um assunto ou se isto contribui de alguma forma para que nós enquanto sociedade sejamos uma sociedade melhor, mais informada, com uma melhor opinião.

**Confirmas que na maioria dos casos, existe uma ida ao terreno para recolher informação antes de se desenvolver a peça na redação?**

Sim, é verdade. Vão recolher informação e não só. Imagens... **Sim, mas focando na parte do jornalista...** sim sim vão sempre. Isso será o ideal e o fundamental – irem sempre ao terreno recolher informação. Há momentos em que não é possível, e há muitas peças que são construídas sem ir ao local – usam o arquivo, com base em declarações que já existem, alguma entrevista feita em estúdio, etc. Mas a maior parte das peças são feitas com reportagem, indo para o local.

### **Porque achas que é importante essa ida para o terreno na maior parte das vezes?**

Ir ao local é muito importante pois permite mostrar às pessoas e comprovar a realidade naquele momento para que vejam com os seus próprios olhos. Usando um velho ditado, há um tipo que diz que não está a chover, e há um outro que diz que está. Jornalismo não é dizer que um diz que está a chover e o outro diz que não está a chover. Jornalista é ir lá e ver se está ou não a chover e mostrar. Portanto, é muito importante ir ao local primeiro porque televisão vive muito da imagem e de mostrar, depois é importante ouvir os intervenientes e opiniões diferentes. Por isso ir ao local dá sempre uma riqueza grande ao jornalista e à peça porque viu com os seus olhos o que se passa, permite-lhe contar uma história e envolver-se mais no assunto e permite recolher depoimentos, uma vez que em reportagem há várias coisas que são subjetivas. Pegando num exemplo, o do incêndio de Pedrógão Grande, claro que um jornalista pode perfeitamente fazer a notícia através da redação pois tem todos os elementos para a fazer dessa forma. No entanto é totalmente diferente o jornalista ir lá pois para além de mostrar todos esses factos, a percepção que ganha é totalmente diferente lá indo e atravessando 30,40,50 kms de terra queimada por uma estrada danificada. Essa riqueza que o repórter ganha indo ao local dá-lhe muito mais riqueza para colocar na reportagem que desenvolve. E a reportagem é a área mais nobre do jornalismo. E não há reportagem sem ir ao terreno.

### **Dividindo a importância da ida para o terreno no valor jornalístico no que ao conteúdo textual diz respeito e por outro lado no valor jornalístico no que ao conteúdo audiovisual diz respeito, como classificas a importância de ambos com a ida para o terreno?**

Essa análise sobre qual dos dois valores é o mais importante depende do assunto que é. Mas acho que um não vive sem o outro. Vou te dar um exemplo: quando o Garrett Mcnamara surfou a maior onda na Nazaré. Nesse caso, claramente que a imagem é mais importante que a informação. Há casos em que realmente a imagem é tão forte e tão potente que o jornalista nem precisava de dizer nada e vale por tudo o resto. E essa é uma das grandes riquezas de trabalhar em televisão: é o valor da imagem. E essa é uma grande mais-valia em televisão: já se está a passar informação através da imagem e tudo o que se diga pode apenas ser complementar ao que já se vê e ouve através do audiovisual. Por exemplo quando numa imagem se vê que está a chover ou se ouve que está vento já não é necessário dizê-lo pois já se percebe só por olhar e ouvir. Portanto resumidamente são ambos os valores igualmente importantes e dependendo do assunto, um torna-se mais importante face ao outro.

**Quando falamos em imagem estou-me a referir também à importância de dar viva-voz a comuns cidadãos que não são de toda uma amostra representativa da população mas que permitem criar uma empatia com o telespectador quando aparecem a serem entrevistados numa situação de reportagem. O que tens a dizer sobre isso?**

É verdade quando dizes que não são uma amostra representativa da população mas muitas vezes essas pessoas são testemunhas dos casos que estamos a reportar, e são importantes por isso mesmo. Porque viram ou ouviram a situação da qual estamos a falar a acontecer no momento. São retratos mais fiéis de algo que aconteceu e que o jornalista não testemunhou e por isso essas pessoas trazem uma riqueza não só informativa, mas também humana às histórias. Podemos até pensar no caso das testemunhas num tribunal – são pessoas que atestam determinada situação e há pessoas que são condenadas num tribunal pelo que dizem essas testemunhas.

**Mas ainda assim, se tu tivesses de dizer na maioria das peças que são feitas, prevalece mais o valor do conteúdo audiovisual ou o valor do conteúdo textual?**

É o valor do conteúdo textual. Se eu pegar no alinhamento para o Jornal da Noite de hoje, claramente que o maior valor é pela riqueza da informação e não tanto pela riqueza da imagem.

**Fazendo uma análise entre os meios e o dinheiro gastos com as idas para o terreno em função dos dois valores de que falámos, achas que é uma relação benéfica e compensadora?**

Felizmente essa gestão dos meios não se coloca nas idas para o terreno em território nacional, por isso eu mando sempre os jornalistas para o terreno. Só se pensa nesse constrangimento quando são viagens ao estrangeiro. E essa gestão dos recursos também não se coloca tanto porque nós estamos organizados em delegações por distritos. Ou seja, eu não mando nenhuma pessoa de Lisboa fazer uma reportagem a Bragança. Isso só acontece mais nos casos em que estás a fazer reportagens especiais ou grandes reportagens. Portanto nesse caso em que tens uma história em Bragança, o correspondente de Bragança fará essa peça. Até porque o custo para a SIC é o mesmo uma vez que esse correspondente ganha o mesmo, independentemente do número de peças que faça por mês, é um funcionário da SIC. Portanto esses custos diários estão previstos e não são uma condicionante do nosso trabalho.

**Relativamente ao valor da imagem em televisão, achas que este ganhou ou perdeu importância ao longo do tempo? (evolução ao longo dos últimos 20 anos)**

Não te sei responder claramente a essa questão. Pensando um pouco melhor sobre o assunto, o que eu acho que aconteceu foi que a imagem ganhou valor em mais plataformas. Ou seja, eu acho que ela não perdeu valor na televisão, ganhou foi mais dimensão noutras plataformas que antes não existiam. Por vezes quando se vê uma imagem na televisão, ela já foi vista noutras plataformas. E essa situação praticamente não acontecia há uns anos. Por isso é que eu digo que a imagem não perdeu valor. Antes o seu valor espalhou-se. E para além disso, acho até que o valor da imagem aumentou nos últimos anos. O valor da imagem continua a ser muito forte. Outra coisa que mudou é que hoje em dia, qualquer pessoa é uma fonte de imagens. Antigamente esse valor estava praticamente confinado aos profissionais de televisão. Hoje em dia já há imagens muito boas captadas por populares que estando na presença de qualquer situação apontam um telemóvel e filmam. E esse lado não profissional não tira valor à imagem. Um dos maiores exemplos disto foram os tsunamis na Indonésia em que a maior parte das imagens que existem são de turistas. Outro bom exemplo é o 11 de setembro em que só há uma imagem do segundo avião a bater nas torres, captada de forma profissional por um helicóptero. Mas todas as outras imagens são amadoras. E isso não lhes tira a força.

**E relativamente ao valor do conteúdo textual, achas que antigamente os jornalistas dispunham de menos informação na redação se não fossem para o terreno, em comparação com os dias de hoje?**

Hoje em dia é muito mais fácil ter a informação na redação sem ir para o terreno. Porque hoje em dia há outros meios tecnológicos de nos fazer chegar a informação, outros meios de contacto. No entanto é sempre mais pobre contactar as pessoas por essa via em vez de ir para o terreno. Obviamente que no último ano e meio toda esta situação foi um bocado prejudicada pela pandemia da COVID-19. As vídeo conferências e todos estes meios digitais ajudaram a resolver um bocado esta questão. E nisto até há uma análise interessante: é que estes meios irão manter-se mesmo quando a pandemia passar. À semelhança do que irá acontecer com o trabalho híbrido.

**Pensas que hoje em dia ao elaborar uma peça, se aposta mais no valor do audiovisual do que no valor do texto, quando comparado há uns anos atrás?**

Hoje em dia aposta-se mais no valor do texto sem dúvida. Os novos jornalistas que têm chegado muitas vezes não sabem tirar partido máximo do valor que uma imagem pode ter. Antigamente acho que se construía muito mais as notícias à volta das imagens que se tinham, do que hoje em dia. Havia muito mais uma ótica de complementaridade em que era dada prioridade às imagens. Hoje em dia é um bocado ao contrário e a pressa prejudicou muito esta situação. Ou seja, hoje em dia escreve-se a peça primeiro e só depois é que vão pôr imagens por cima e isso é uma desvalorização da imagem. Hoje em dia, a percentagem de novos jornalistas que chegam às redações com esse domínio é muito reduzida. Isso é uma grande perda para o jornalismo uma vez que a maior riqueza é escrever-se para as imagens, adaptando o texto. Porque a força da imagem é poderosíssima.

**Li numa outra entrevista que deste que para ti ser repórter e jornalista são coisas distintas. É verdade que consideras essencial o trabalho do repórter e a ida para o terreno mesmo que o foco sejam peças sobre assuntos do quotidiano em que há já uma grande quantidade de informação disponível?**

Há excelentes jornalistas que não são bons repórteres. Isso acontece quando numa determinada situação, o jornalista consegue debitar factos do que está a acontecer, mas não consegue interagir com todo o cenário à sua volta. Isso é ser um mau repórter, apesar de poder estar a ser um bom jornalista. O contrário também pode acontecer – pode estar a ser feita uma excelente descrição do que se passa no local, mas no fim da peça o jornalista não dá conta dos factos mais importantes. Mas eu diria que um bom repórter é sempre um bom jornalista. Já um bom jornalista nem sempre é um bom repórter. Para classificar, um bom repórter é alguém que relata bem a realidade. E um bom jornalista é alguém que trabalha com rigor, que se preocupa em ouvir as partes todas, percebe claramente onde está a notícia etc. E sim é sempre preferível ir para o terreno mesmo nesses assuntos do quotidiano. Até porque se não se for para o terreno corre-se um grande risco que é o de passar ao lado de informação nova pois pode já ter havido algum desenvolvimento face àquilo que se sabia antes de se ir para o terreno. Caso não se vá para o terreno podem-se perder importantes reações e situações que estão naquele momento a ocorrer. Ir ao sítio traz sempre uma riqueza maior. **Está aqui presente um fator fundamental que é o de imprevisto e espontaneidade humana.** Exatamente. Idealmente devia-se ir ao terreno sempre que fosse possível.

**Para fechar André, o objetivo central deste estudo é analisar as peças que eu fiz com ida para o terreno e concluir em quantas delas foi relevante a ida para o terreno do ponto de vista do conteúdo textual e audiovisual adquirido. Já concluí que na maioria delas o maior valor adquirido foi o da imagem. Dou-te como exemplo as várias peças sobre greves que eu fiz em que nesses casos, as informações que colocava na peça depois de ir para o terreno eram as mesmas que já tinha na redação antes de ir para o terreno. Como é que nestes casos achas que a ida para o terreno poderia ser uma mais valia do ponto de vista do acréscimo no conteúdo textual?**

Nesses casos tinhas de ir à procura de informação nova face àquela que tu já tinhas. Obviamente que nesse exemplo que tu deste das peças que fizeste sobre os sindicatos, são sempre notícias mais fechadas e redutoras é verdade. Agora dando-te um outro exemplo, imagina que houve uma descarga poluente num rio e já se sabem um conjunto de informações sobre esse tema. Nesse caso, obviamente que já se tem as informações mais importantes para fazer a peça. Bastava ir ao local filmar. No entanto, com a presença do jornalista no local, pode-se tentar encontrar mais informação de contexto, que de outra forma e caso o jornalista ficasse na redação não teria. Ou seja, com a ida para o terreno, para além do jornalista ser uma testemunha daquilo que está a acontecer, também deve tentar dar algum valor acrescentado à história. E pegando novamente nesse exemplo que deste dos sindicatos. Obviamente que nesses casos tu já dispões de uma série de informações antes de ires para o terreno. Portanto nesses casos que riqueza é que tu poderias dar à peça? Algum valor humano. Por exemplo, pegar na história de vida e numa série de pormenores de alguém que faça parte do protesto grevista. A ideia é que essa dimensão humana complemente os factos que tu ias transmitir acerca da greve. Nos telespectadores a perceção que se cria com um tipo de peça ou de outro pode ser totalmente diferente. E essa é que é uma grande riqueza da ida para o terreno – o encontrar novas abordagens nos assuntos, e dar alguma dimensão humana ao tema, acrescentando conteúdo à informação mais óbvia que está disponível.

## Anexo 2 – Declaração de Estágio



### Parecer do responsável do Estágio

Referente ao período de estágio da aluna Carolina Cerqueira Silva Reis, estabelecido pelo Protocolo de Cooperação entre a Escola Superior de Comunicação Social (ESCS) e a SIC, Sociedade Independente de Comunicação, SA, no ano letivo 2019/2020, o responsável de estágio José Gomes Ferreira, designado por esta empresa, informa e emite parecer sobre o seguinte:

#### 1. Descrição sumária das tarefas executadas pelo estagiário:

DURANTE O PERÍODO DE ESTÁGIO, A CAROLINA REIS ESTÁVE INTEGRADA NAS EQUIPES DE REDACÇÃO DO OPINIÃO PÚBLICA E NO PRIMEIRO JORNAL. DURANTE ESSE PERÍODO PARTICIPOU NA PRODUÇÃO DOS PROGRAMAS E REALIZOU VÁRIAS REPORTAGENS.

#### 2. Apreciação qualitativa do desempenho do estagiário, tendo em conta os seguintes aspetos:

- a) Autonomia
- b) Iniciativa
- c) Capacidade de resposta às tarefas propostas
- d) Integração na equipa
- e) Outros aspetos considerados de relevo

Durante o Período de Estágio, a Carolina Reis elaborou vários reportagens. Demonstrou sempre grande disponibilização, seriedade e responsabilidade, empenho e criatividade em todos os desafios que lhe foram colocados.

Reis teve como relevo também bastante autonomia, rigor e qualidade na execução dos trabalhos, especificamente na vertente televisiva. Demonstrou também grande iniciativa na proposta de reportagens e abordagens diferentes.

Em todos estes trabalhos soube aceitar críticas e revelou um excelente sentido ético, de respeito pelo código deontológico dos jornalistas.

(Local).....9..... (data).....7/16..... de 2021.

Assinatura do Responsável de Estágio

